

Salvar o velho Chico:

uma luta
que se
revitaliza

Tema de capa

Editorial: Salvar o velho Chico. Uma luta que se revitaliza **pg. 2**

Entrevistas

Marco Antônio Tavares Coelho: A transposição do rio São Francisco: um projeto imposto a ferro e fogo **pg. 3**

Ennio Candotti: A Ciência brasileira e o Rio São Francisco **pg. 9**

Adriano Martins: A greve de fome obrigou o governo a olhar para o Brasil e obrigou o Brasil a olhar para o semi-árido **pg. 10**

Roberto Malvezzi : Se o governo não cumprir sua promessa, Dom Luiz voltará a fazer greve, mas não voltará sozinho **pg. 14**

Lula e o PT nunca mais **pg. 15**

Lia Diskin: Cappio, Gandhi e o jejum como luta pacifista **pg. 16**

Luiz Mandela: "Questionamos o tamanho da obra e a sua capacidade de dar resultados". **pg. 20**

João Suassuna: "O governo quer impor garganta abaixo um projeto tecnicamente ruim, socialmente preocupante e politicamente desastroso". **pg. 22**

Eduardo Stotz: Lições da greve de fome de Dom Luiz Cappio **pg. 25**

Paulo Couto Teixeira: As cabras do Padre Lyra **pg. 26**

Nelson de Sá: "O gesto do Bispo foi uma glorificação do suicídio" **pg. 29**

Flávio Pierucci: Sociólogo vê "novidade" no discurso do bispo **pg. 32**

Destaques da semana

Análise de conjuntura:

Wanderley Guilherme dos Santos: O intelectual que toma parte—**pg. 35**

Entrevista da semana:

Antonio Negri: O poder de se comunicar furiosamente—**pg. 41**

livro da Semana:

ANTUNES, Ricardo. O caracol e sua concha. Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005, 136 páginas—**pg. 47**

Deu nos jornais pg. 51

Frases da semana pg. 52

IHU em revista

Eventos pg. 54

IHU Repórter pg. 60

Editorial

Salvar o velho Chico: uma luta que se revitaliza

Na última semana, um homem conseguiu colocar na agenda nacional um tema que, há anos, o movimento social tenta fazer e não conseguiu: a transposição do Rio São Francisco. O bispo D. Luiz Flávio Cappio foi chamado de "o bispinho" que colocou em xeque o Presidente da República, qualificado de "suicida", acusado de praticar a eutanásia e ridicularizado. Basta ler, como exemplo, a revista **Veja** desta semana. No entanto, ele conseguiu fazer com que o tema da transposição do Rio São Francisco, o sertão nordestino, sua gente, sua cultura, sua religiosidade, enfim, o semi-árido, fosse discutido pela a sociedade e fosse destaque na grande imprensa. Nada mais nada menos, por exemplo, o jornal **Folha de S. Paulo**, de ontem, 9-10-05, dedica um caderno especial ao tema.

Foi por ver no gesto do bispo em greve de fome algo "inteiramente contemporâneo e original", segundo o sociólogo Flávio Pierucci, que o acompanhamos com vivo interesse nas "notícias diárias" na página www.unisinos.br/ihu. Ele inspirou o tema de capa da edição da **IHU On-Line** desta semana

As entrevistas de Wanderley Guilherme dos Santos, cientista político, e de Antonio Negri, autor de **Império** e lançando a tradução brasileira de **Multidão. Guerra e democracia na era do Império**, contribuem na discussão da conjuntura nacional e na compreensão da grande transformação socioeconômica, política e cultural que vivemos na contemporaneidade.

Além disso, como sempre, publicamos o **IHU Repórter** que, nesta semana, desvenda a vida intensa de Denise Maria Brandt, nossa colega aqui na Unisinos.

A todas e todos uma excelente semana, um ótimo feriado e uma profícua leitura!

A transposição do rio São Francisco: um projeto imposto a ferro e fogo

Entrevista com Marco Antônio Tavares Coelho

O jornalista Marco Antônio Tavares transformou três meses de pesquisas sobre o Rio São Francisco em um livro que está lançando nesta semana, pela Editora Paz e Terra. O livro intitulado *Os descaminhos do São Francisco* aborda os erros históricos cometidos com o Rio “da unidade nacional” e fala contra o projeto de transposição. Marco Antônio Tavares Coelho é editor-executivo da revista *Estudos Avançados*, da Universidade de São Paulo (USP). É autor de *Herança de um sonho: Memórias de um comunista*. Rio de Janeiro:Record, 2000. e *Rio das Velhas: Memória e desafios*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. O autor concedeu, por telefone, na semana passada, a entrevista a seguir à *IHU On-Line*.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a greve de fome realizada por Dom Luis Cappio durante 11 dias?

Marco Antônio Tavares Coelho - Essa atitude do bispo de Barra, Dom Cappio, deve ser saudada como um ato muito corajoso. Um ato que demonstra quanto o bispo conhece o problema real do São Francisco e sabe perfeitamente que esse projeto do governo é profundamente nocivo ao país e aos nordestinos. Apoiando esse gesto, nós esperamos que o governo reveja essa decisão absurda, nociva, esse projeto que não pode ser defendido por todos aqueles que conhecem a situação do São Francisco dos desejos e de um *lobby* muito poderoso que quer ver implantada no país uma realidade que não é aquela que interessa ao grosso da população brasileira.

IHU On-Line- Ao longo da greve, houve muitas formas de qualificar o gesto, inclusive foi chamado de

“atitude autoritária” porque colocou o governo em um beco sem saída. O que o senhor acha disso?

Marco Antônio Tavares Coelho - Nós, que acompanhamos este projeto da transposição do São Francisco sabemos que a arbitrariedade, na verdade, parte do governo do Presidente Lula, especialmente do seu ministro de integração nacional, Ciro Gomes. Na verdade, o projeto joga por terra a legislação brasileira sobre os rios. O comitê da bacia hidrográfica do São Francisco recusou a aprovação desse plano do governo. Estão passando por cima da lei, quem pratica arbitrariedades é, de fato, o governo. O bispo tinha o direito de recorrer a uma atitude, extremada é verdade, mas a única que chega aos ouvidos e pode comover os governantes do País, uma atitude que realmente mobiliza a opinião pública porque desmascara uma postura que é inaceitável.

***IHU On-Line* - O senhor acha que foi aproveitado um momento em que a opinião pública estava com os olhos voltados para as denúncias de corrupção, para tentar iniciar as obras de transposição?**

Marco Antônio Tavares Coelho - Na realidade, o governo vem tomando uma série de medidas absurdas, inclusive coagindo determinadas organizações do próprio governo como o Ministério do Meio Ambiente. É uma vergonha que uma ministra como a Marina da Silva se curve diante desse projeto, porque ela sabe que a opinião pública e as organizações ambientalistas não aceitam e repudiam esse projeto do governo.

***IHU On-Line* - O governo estaria dando continuidade a uma proposta desenvolvimentista da qual foi herdeiro?**

Marco Antônio Tavares Coelho - Na verdade, nos últimos 70 anos, várias medidas adotadas pelos governantes vêm sendo nocivas à população do São Francisco. Desde a década de 1940 até agora, foram feitas grandes obras no São Francisco, grandes represas e grandes centrais elétricas. Mas, na verdade, o projeto inicial que se tinha em relação ao São Francisco era para desenvolver a economia da região para permitir uma melhor qualidade de vida ao sertanejo do Rio. Vários governos destes últimos 80 anos somente se preocuparam com o desenvolvimento e a produção de energia elétrica. É claro, não podemos ser contra isso, mas seria necessário examinar em cada caso se as alternativas são corretas. Se outras medidas não devem ser tomadas no sentido de melhorar as condições de vida da população.

***IHU On-Line* - Quais são as condições de vida das populações ribeirinhas?**

Marco Antônio Tavares Coelho - Por exemplo, essas grandes represas acabaram com duas coisas: com a agricultura de vazantes, que existia nas margens do São Francisco e nas ilhas, que eram fertilizadas quando havia grandes inundações. Construindo as represas, essa agricultura, que beneficiava a população pobre do São Francisco, não pode mais produzir alimentos. Por outro lado, também a construção dessas represas liquidou com as lagoas marginais do São Francisco, que possuíam grandes variedades de peixes. Resultado: a pesca no São Francisco sofreu uma queda vertiginosa. Pois bem, preocupado só em resolver o problema da energia elétrica, o governo não se preocupou com as condições de vida da população ribeirinha. Em dezenas de pequenas cidades, nas margens do São Francisco, não há abastecimento de água, não há escolas, não há a preocupação com a saúde da gente ribeirinha. E quanto à produção de energia elétrica, as pessoas que residem nas margens do São Francisco não conseguem ter eletricidade em suas casas, porque as redes não são instaladas nesses povoados. Portanto, é um contraste muito grande entre a riqueza que o São Francisco permite, e a situação de miséria das massas que vivem às margens do Rio.

***IHU On-Line* - Essa preocupação exclusiva com a energia e o descuido com outras questões seria um dos "descaminhos" que o senhor aborda em seu livro?**

Marco Antônio Tavares Coelho - Sim, mostrando que é imprescindível a revitalização do Rio. É preciso colocar recursos à disposição, por exemplo, de obras como a proteção das margens do Rio, no sentido de diminuir o assoreamento que vai transformando-o num grande areal, ao mesmo tempo

que recursos devem ser colocados à disposição de populações mais pobres, relacionados com problemas educacionais e de saúde.

IHU On-Line - Como surgiu a idéia dessa pesquisa que resultou no seu livro?

Marco Antônio Tavares Coelho - Eu sou da região do São Francisco, mas do alto São Francisco, de uma região rica, que é a região de Belo Horizonte. Um dos principais afluentes do São Francisco está localizado exatamente nessa região de onde eu venho. É o Rio das Velhas. Nasce perto de Ouro Preto e vai subindo, costeando a Serra do Espinhaço e deságua, um pouco abaixo de Pirapora. Eu já fiquei muito impressionado com o movimento realizado na capital Belo Horizonte pelos professores e estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, que lançaram um projeto chamado Projeto Manoelzão (uma das figuras da literatura de Guimarães Rosa)¹. Então, o Manoelzão

¹**João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-los num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: **Sagarana**, **Corpo de baile**, **Grande sertão: veredas**, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, **Primeiras estórias** (1962), **Tutaméia** (1967). (Nota da IHU On-Line)

prezava muito a natureza e o Rio e, os estudantes da faculdade de Medicina, especialmente os sanitaristas, liderados por uma grande figura humana que é o professor Apolo Lisboa, começaram a estudar a situação das comunidades pobres nas pequenas cidades situadas na periferia de Belo Horizonte. Constataram que, em torno da Bacia do Rio das Velhas, o grande problema de saúde dessa população decorria do fato de que a água do Rio das Velhas não era tratada e isso causava muitas doenças. Começaram, há mais de cinco anos, uma batalha pela recuperação do Rio das Velhas. Pois bem, essa preocupação com o Rio das Velhas me levou a estudá-lo e lancei um livro chamado **Rio das Velhas, memórias e desafios**. Logo depois, meus amigos e muitas pessoas a quem eu recorria para obter informações, me diziam: “Agora o grande desafio seu é estudar o São Francisco, porque esse é um dos maiores problemas da nação brasileira”. Assim, surgiu a pesquisa sobre a qual eu estava debruçado há três anos, tudo no sentido de levantar os problemas reais do São Francisco. Eu esperava até aprofundar mais ainda e levantar outros problemas. Mas já com o material que eu dispunha e levando em conta a necessidade, quando o governo Lula iniciou o movimento para executar esse projeto da transposição, eu vi que estava na hora de acelerar os preparativos para o lançamento do meu livro.

IHU On-Line - O governo Lula, então, está dando continuidade aos governos anteriores em relação ao Rio?

Marco Antônio Tavares Coelho - Sim, mas em certos aspectos ele é até pior que os governos anteriores, porque essa pressão do *lobby* no sentido de realizar esse projeto também houve no governo FHC, mas no último ano de seu

mandato, o ministro do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho, convenceu o Presidente Fernando Henrique Cardoso de que o projeto era nocivo. Portanto, nesse aspecto, o governo Lula é muito pior que o governo de FHC.

IHU On-Line - O seu livro estaria, então, centralizado nos erros cometidos nas obras realizadas no Rio?

Marco Antônio Tavares Coelho - Sim, mas há outras obras também, muito prejudiciais, como, por exemplo, a grande represa de Sobradinho, construída quando o regime militar estava no auge, nos anos do presidente Médici² e depois Geisel³, que é o maior lago artificial do mundo. A sua extensão é de 350 km por 35 de largura. Era importante se construir uma represa naquela região do médio São Francisco, porém foi construída no local errado, e isso levou a uma submersão de quatro cidades históricas da Bahia: Casa Nova, Cento-Sé, Pilão Arcado e Remanso. Mais de 70 mil pessoas tiveram que ser

² **Emílio Garrastazu Médici** (1905-1985): militar e político brasileiro. Exerceu as funções de adido militar em Washington e de chefe do Serviço Nacional de Informações. Vagando-se a presidência da República (1969), em consequência de enfermidade do presidente Costa e Silva, foi eleito pelo Congresso Nacional para ocupar esse cargo, com mandato até 1974. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Ernesto Geisel** (1908-1996): militar e político brasileiro. Foi adido militar no Uruguai, comandante da XI Região Militar em Brasília, chefe do gabinete militar da presidência da República no governo Castelo Branco, ministro do Superior Tribunal Militar e presidente da Petrobras (1969-1973). Eleito presidente da República por um Colégio Eleitoral (1973), tomou posse em 15 de março de 1974. Buscou em seu governo um gradual aperfeiçoamento do regime democrático no país, apresentando, inclusive, um projeto de reformas políticas. Deixou a presidência em 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

deslocadas daquela região. Mas o regime militar não permitiu nenhum protesto e nenhuma crítica foi possível naquela época a uma obra que poderia ter sido mais bem equacionada. Como não havia possibilidade de discussão, a obra foi considerada uma obra de segurança nacional e, portanto, o projeto foi imposto a “ferro e fogo” pela ditadura militar.

IHU On-Line - No seu livro, há depoimentos dos governadores de Minas Gerais, Bahia e Sergipe. O que eles dizem?

Marco Antônio Tavares Coelho - São depoimentos muito importantes. Devemos assinalar que o governador da Bahia⁴ é um técnico, um geólogo de muito prestígio na comunidade acadêmica e científica, e também o João Alves Filho⁵, governador do Sergipe, é um escritor, um estudioso dos problemas do Rio. Portanto, são dois homens cuja palavra tem uma importância enorme pela seriedade com que eles defendem o São Francisco.

IHU On-Line - Quais as alternativas que podem ser propostas ao projeto de transposição?

Marco Antônio Tavares Coelho - O fundamental é discutir esse problema com prudência, bom senso, e não com esse espírito de querer realizar uma “obra a todo pano”, que é a posição do ministro Ciro Gomes. Ele decidiu fazer e desrespeita a legislação e as opiniões de pessoas que são estudiosas e que conhecem o problema. Portanto, o fundamental, agora, é parar as obras e abrir uma grande discussão com a população do São Francisco, com os

⁴ O atual governador da Bahia é Paulo Ganem Souto, do PFL. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ João Alves Filho, atual governador do Sergipe, é do PFL. (Nota da *IHU On-Line*)

técnicos e estudiosos do problema. Por isso, é que um ministro como o Ciro Gomes está prestando um desserviço extraordinário ao País e ao próprio Presidente Lula, porque ele está desagregando a Nação brasileira. A água se constitui num problema extremamente complexo, envolvendo diversos estados, alguns banhados pelo São Francisco, e outros que reivindicam a água do Rio como o Ceará e a Paraíba. Então, é preciso haver uma discussão com muita fraternidade na federação brasileira. Esse projeto imposto “a ferro e fogo” está dividindo o País, e a responsabilidade disso é do governo do Presidente Lula e, particularmente, comandado pela ação arbitrária e impulsiva do ministro Ciro Gomes.

***IHU On-Line* - Quem mais ganha com esse projeto de transposição?**

Marco Antônio Tavares Coelho – Basicamente, três setores. Os proprietários de terras de certas regiões onde serão construídas algumas obras, como aquedutos, canais, e estações de elevação da água. As terras se valorizam em consequência das obras públicas. Em segundo lugar, os empresários da construção civil, fabricantes de equipamentos, de grandes caminhões e de bombas. Em terceiro lugar, alguns políticos que querem usar isso como uma arma eleitoral. Por exemplo, o Ciro Gomes quer chegar lá no Ceará e dizer “eu trouxe água para o Ceará, a água do São Francisco”. Portanto, são bandeiras demagógicas, eleitorais de grupos políticos que querem continuar no poder.

***IHU On-Line* - Em que situação ficou aquele projeto da criação de um milhão de cisternas tão divulgado no País?**

Marco Antônio Tavares Coelho - Esse é um projeto importantíssimo, realizado

lentamente, e é um dos caminhos para a solução do problema de escassez de água no semi-árido. É um projeto que tem o total apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Cáritas⁶, de organizações não-governamentais e apoio de várias empresas. É um dos caminhos para a solução do problema do semi-árido, e portanto merece todo o apoio. Além disso, outras pequenas obras também podem ser feitas. Enfim, é erro pensar que a seca, a falta de água, se resolve com grandes projetos de engenharia. Não é isso! O Celso Furtado⁷ sempre foi contra essa tese de buscar a solução com grandes projetos de engenharia. É a mobilização do povo construindo como puder, nas suas pequenas cidades, sistemas para conservar a água, porque o semi-árido não é um deserto – chove. Mas é que a água escoar rapidamente, ela não é conservada. E, muitas vezes, ela é conservada em circunstâncias equivocadas porque o calor é muito forte nessa região e, por isso, a evaporação é muito grande. Então, a

⁶ A Cáritas Brasileira faz parte da Rede *Caritas Internationalis*, rede da Igreja Católica de atuação social composta por 162 organizações presentes em 200 países e territórios, com sede em Roma. Organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), foi criada em 12 de novembro de 1956 e é reconhecida como de utilidade pública federal. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ **Celso Furtado** (1920-2004): economista brasileiro, foi membro do corpo permanente de economistas da ONU. Foi diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e membro da Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras são *A economia brasileira* (1954); *Formação econômica do Brasil* (1959). *IHU On-Line* repercutiu na 155ª edição a recente criação do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, na Finlândia, com entrevistas a diversos especialistas. (Nota da *IHU On-Line*)

água deve ser conservada com muito cuidado, não permitindo que ela evapore. E dessa forma é que se poderá modificar o quadro de escassez de água nessas regiões do semi-árido brasileiro.

***IHU On-Line* - Essas seriam políticas de convivência com a seca, no semi-árido?**

Marco Antônio Tavares Coelho - Sim, é por aí. O problema é este: saber conviver com o semi-árido. Por

exemplo, se a gente for ao Pólo Norte, ninguém vai chegar lá e dizer para o esquimó: “Você tem que lutar contra o frio, contra o gelo”. Não, as comunidades sabem como conviver naquela situação. No semi-árido, o caminho é o mesmo. Tem que haver uma nova mentalidade. No semi-árido, não se deve plantar determinados produtos que consomem muita água, como arroz e cana de açúcar.

A Ciência brasileira e o Rio São Francisco

Entrevista com Ennio Candotti



A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) está acompanhando o projeto de transposição com certos receios. O presidente da Sociedade, Ennio Candotti, disse em entrevista por telefone à *IHU On-Line*, antes do fim da greve de Dom Luiz Cappio. Para Candotti, há dúvidas sobre o benefício que esse projeto trará à população. “Essa é a dúvida que permanece no ar. Nesse sentido, estamos empenhados em ganhar algumas garantias do governo quanto à sua gestão”, salienta.

***IHU On-Line* - A Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC) tem uma posição tomada em relação à transposição do Rio São Francisco?**

Ennio Candotti - Houve, sim, estudos sobre a transposição do São Francisco e eles indicam que levar mais água para a região é positivo e a quantidade de água retirada do São Francisco é uma pequena porcentagem. Há aspectos na questão, uma vez que são investidos recursos em volume significativo, que devem ser mais bem tratados. As exposições do ministro Ciro Gomes, do ponto de vista técnico, parecem muito consistentes, no entanto a execução de um programa desse porte, ao longo de muitos anos, exige um cuidado suplementar. O primeiro deles é a recuperação do próprio São Francisco. Embora se saiba que alguns recursos já foram investidos, ainda estamos longe de poder afirmar que eles sejam, não apenas suficientes, mas eficazes. Por outro lado, a gestão das águas parece ser o aspecto mais importante uma vez que se trata de água que não apenas pode se evaporar ao longo do seu percurso, como também a sua qualidade é um aspecto muito importante quanto à sua distribuição

para grandes projetos de agricultura. A questão principal é que hoje já existem águas em volume suficiente para atender às populações, desde que pequenas obras e uma melhor gestão dessa água fossem organizadas. Esta parece ser a questão mais importante: como democratizar o uso das águas. Neste momento específico, o que se quer saber é, uma vez pronto o projeto das águas afluindo da maneira que se prevê, se trarão algum benefício à população. Essa é a dúvida que permanece no ar. Nesse sentido, estamos empenhados em ganhar algumas garantias do governo quanto à sua gestão.

***IHU On-Line* - Então a SBPC, como instituição, não teria uma postura contra a transposição do Rio?**

Ennio Candotti - Assim como está hoje, não há garantias suficientes para que sejamos favoráveis, há muitos pontos que devem ser mais bem discutidos, particularmente, no que diz respeito à gestão das águas, uma vez que existem águas em volumes significativos e elas não são aproveitadas para resolver os problemas sociais. Isto deve ser respondido. Por quê? O que se pode fazer com o atual volume de águas para

atender às populações? Quais são as obras inacabadas? Quais são as obras imaginadas num passado recente que não foram completadas para dar resposta às necessidades da população? Se esse é o principal objetivo, como tem sido afirmado, vamos acreditar que seja verdade, mas para que seja, de fato, verdade, devemos explorar quais são as fases do atual sistema de gestão das águas, e muitas se conhecem, são de propriedade fundiária, de locais onde estão situados os açudes e de influências políticas locais. É óbvio que

há um jogo de influências políticas na gestão de um bem público como deveria ser a água.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o gesto de greve de fome realizado por Dom Luiz Cappio?

Ennio Candotti- É um gesto simbólico que chama atenção para a pobreza da região e para a dificuldade em equacionar as políticas públicas que atendam aquelas populações com ou sem água.

A greve de fome obrigou o governo a olhar para o Brasil e obrigou o Brasil a olhar para o semi-árido

Entrevista com Adriano Martins

A *IHU On-Line* conversou dia 7 de outubro, por telefone, com o portavoz do bispo D. Luiz Flávio Cappio, Adriano dos Santos Martins. De Cabrobó, o cientista social gaúcho, que trabalha há 15 anos como voluntário na diocese de Barra, falou sobre as vitórias conquistadas durante os 11 dias de greve de fome do religioso.

IHU On-Line - É cedo para dizer que houve vitória em relação às conquistas de D. Luiz com a greve de fome?

Adriano Martins - O governo assumiu o compromisso de não iniciar nenhuma obra enquanto não for estabelecido um amplo debate nacional que construa um plano de desenvolvimento sustentável para todo o semi-árido, baseado na convivência. Isso não levará menos de um ano, um ano e meio, para que aconteça, significando, na prática, tirar o projeto do ano eleitoral. O que justifica esse projeto é o objetivo eleitoral, o impacto eleitoral que ele teria na época em que só chegava a

versão de que era um projeto bom. Isso mudou. Repercutiu nacionalmente, o debate se estabeleceu. As organizações sociais brasileiras assumiram essa luta. A CUT, o MST, a UNE não haviam se posicionado antes. Agora estão posicionados claramente sobre a transposição.

IHU On-Line - O que será feito daqui para frente?

Adriano Martins - D. Luiz irá encontrar-se com todas essas organizações brasileiras para construir e definir um pacto de como encaminhar essa luta pela convivência com o semi-árido. A greve de fome foi

válida por ter obrigado o governo a olhar para o Brasil e ter obrigado o Brasil a olhar para o semi-árido. Não com o olhar estereotipado que a indústria da seca construiu, mas com outro olhar. Essa é uma grande vitória. Agora é importante que fique claro: se o governo não cumprir o acordado e iniciar as obras, D. Luiz volta para Cabrobó e não volta sozinho.

IHU On-Line - O Ministério da Integração anunciou, um dia depois do fim da greve, o começo das obras para novembro...

Adriano Martins - O governo mente muito e há muito tempo. Eles não começarão em novembro porque a obra está embargada pela Justiça. A licença ambiental foi caçada. É claro que é um momento em que o *lobby* das empreiteiras e dos interessados no hidronegócio e no agronegócio estão louquinhos. Estão a campo para minimizar um fato consumado. Nesse momento, não posso dizer que o governo esteja pautando a Globo. Quem pauta a Globo parece ser o pessoal do *lobby* das empreiteiras. Pode ser que pautem com a ajuda do governo, mas não dá para dizer que o ministro Jaques Wagner esteja fazendo isso. É possível que daqui a pouco eu diga que o governo está "sacaneando". Mas primeiro vamos esperar a audiência com o Lula para, então, termos uma visão mais clara da situação.

IHU On-Line - Mas é estranho que se pronunciem sobre a obra depois da longa negociação com D. Luiz...

Adriano Martins - Sabe-se que, em uma negociação deste tipo, não aparecem vencedores nem derrotados. Conseguimos o que queremos e não aparece que o outro tenha sido derrotado... O fato é que eles se comprometeram com o principal.

IHU On-Line - O senhor sugeriu o Plebiscito como solução para o problema da transposição do São Francisco. Por quê?

Adriano Martins - Essa é uma posição minha, não do Frei Luiz. Existe uma proposta que não foi levada à votação na Câmara dos Deputados, mas foi aprovada nas outras câmaras anteriores, que estabelece a necessidade de um plebiscito nacional de fazer ou não a transposição. Para mim, isso dá forma, dá prazo e tira o tema do calendário eleitoral. Na construção de uma democracia participativa, esses plebiscitos e referendos cumprem um papel importante. Poderíamos abrir uma brecha para que obras de grande porte tenham aprovação da população. Acho importante que o Rio Grande do Sul, por exemplo, conheça o semi-árido. Um debate como este possibilitaria isso. Mesmo se levarmos em conta o *lobby* das empreiteiras, do agronegócio, da imprensa, que é subserviente na maior parte das vezes. Mesmo sendo uma luta desigual, abriria o debate para a sociedade. O projeto é tão absurdo, tem tantas falhas... Tudo graças ao desconhecimento absoluto. O ministro Jaques Wagner, para se ter uma idéia, reconheceu ontem que desconhece o projeto. Imagine, um ministro! O primeiro emissário do governo, o gaúcho Silvino Heck, também disse isso.

IHU On-Line - Dom Luiz deve se recuperar até quando?

Adriano Martins - Ele não chegou a ser internado. É o caso mais atípico que conheço. Para você ter uma idéia da saúde de D. Luiz, o frei Sérgio Görden, que é deputado no Rio Grande do Sul, e nos deu uma ajuda inestimável, nos falou sobre toda a sintomatologia das greves de fome por já ter feito algumas greves prolongadas. Ele disse que sempre tomava um copo de soro

caseiro e ficava deitado a maior parte do tempo. Dom Luiz teve atividade intensa todos os dias, na maior parte do dia, e decidiu só tomar água. Não tinha soro caseiro e água de coco que mantivesse o nível de potássio. Hoje de manhã (dia 7-10) ele veio aqui em Cabrobó visitar a família que vive perto da capela e o acolheu durante a greve de fome. Tomou soro ontem e agora de manhã já saiu.

***IHU On-Line* - Havia uma questão mística por trás da greve?**

Adriano Martins – D. Luiz é uma figura bem singular. Foi isso que criou o “pepino” para o governo. É como se fosse um frei Damião ecológico e de esquerda. Primeiro, porque ele é um franciscano legítimo e de atividade espiritual muito intensa. Ele age por impulsos de ordem espiritual, por intuições. Tem uma afinidade e uma capacidade de comunicação com a população pobre imediata. Ao mesmo tempo, além de filósofo e teólogo, é economista. Tem instrumental para um debate sobre questões da estrutura da economia. É uma pessoa bastante culta. Junte isso tudo e coloque em um local onde a espiritualidade é ainda o centro da vida das pessoas, você consegue poderes de mobilização e articulação fantásticos. É isto que os movimentos sociais têm perdido: a capacidade de diálogo com as pessoas, a radicalidade, ficando cada vez mais institucionalizados. O debate que aconteceu durante estes 11 dias não aconteceu em nove anos de luta contra a transposição.

***IHU On-Line* - A religiosidade no imaginário popular nordestino é mais presente do que no resto do País?**

Adriano Martins - É muito mais forte e tem figuras que são seminais como o padre mestre Ibiapina, que completaria

200 anos de nascimento neste ano e que foi quem influenciou padre Cícero⁸, Antônio Conselheiro⁹. Padre

⁸ **Cícero Romão Batista**, dito Padre Cícero (1844-1934): religioso e político brasileiro. Exerceu grande influência entre a população sertaneja do interior nordestino. Ordenado padre em 1870, foi designado em 1872 vigário de Juazeiro do Norte, lugarejo no município de Crato. Desde cedo exerceu sua liderança entre o povo. Em 1889, sua popularidade aumentou ainda mais, pois começou a ser atribuída a ele a prática de milagres. Apesar de suspenso pela Igreja Católica, foi ampliando progressivamente seu poder, tornando-se o chefe político de maior prestígio do interior do Ceará. Envolvido nas lutas travadas entre as oligarquias agrárias, influía decisivamente nas eleições de presidentes do estado, deputados e senadores. Graças à sua atuação, quando morreu, Juazeiro havia se transformado em capital religiosa e econômica do sertão, e principal centro de romaria de todo o Nordeste. O *padim Ciço* (padrinho Cícero), como é chamado por muitos, é considerado até hoje santo e protetor pelos humildes do sertão. Em 1924, foi-lhe erguida uma estátua que se tornou objeto de devoção. Em 1973, foi proclamado santo pela Igreja Católica Brasileira. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ **Antônio Vicente Mendes Maciel**, dito Antônio Conselheiro (1828-1897): chefe religioso brasileiro, que comandou a Guerra de Canudos, na Bahia. Exerceu várias profissões antes de se tornar beato e pregador. Depois de percorrer todo o interior nordestino, chegou a Itapicuru de Cima (BA), onde foi preso sob acusação de assassinato. Provando sua inocência, foi libertado e voltou a caminhar pelo sertão. Sua fama de milagreiro crescia sem encontrar oposição nos padres do interior, que viam nas suas pregações um elemento favorável ao renascimento da fé entre a população. Sua força se revelava principalmente em época de eleição: os candidatos que apoiava sempre saíam vencedores. Com a queda da monarquia, manifestou-se em protesto profetizando que o fim do mundo seria em 1900. Retirou-se com os seus adeptos para Canudos, às margens do rio Vaza-Barris. Aí fundou uma "cidade santa", comunidade

Ibiapina¹⁰ foi um grande missionário do Nordeste, que defendia as idéias que defendemos hoje, como guardar água da chuva, criar cabras e ovelhas... Só que isso há 200 anos. Até hoje, é meio santo popular. Essa iniciativa de D. Luiz também se inscreve numa tradição dos profetas sertanejos. São muitos aspectos em uma questão só.

IHU On-Line - Dom Luiz estava sendo considerado como santo?

Adriano Martins - Isso acontece desde que ele veio para a Bahia, há 30 anos. Desde então é chamado de santo. Saiu com a roupa do corpo de São Paulo e veio bater aqui.

baseada na propriedade coletiva da terra e dos rebanhos, limitando-se a propriedade privada às casas e aos bens móveis. Em pouco tempo entrou em conflito com os grandes proprietários da região. A situação agravou-se, provocando a intervenção federal (1896-1897). Quatro expedições oficiais foram necessárias para derrotá-lo e a sua gente. O episódio de Canudos está contado no livro de Euclides da Cunha, **Os sertões**. Morreu dois dias antes da derrota dos seus homens pelas tropas federais. (Nota da ***IHU On-Line***)

¹⁰ **José Antônio de Maria Ibiapina**, dito Padre Ibiapina (1806-1883): foi um padre brasileiro com vocação missionária que fundou, em vários pontos do interior do Brasil, casas de ensino religioso e ao mesmo tempo agrícola e industrial, adaptadas às necessidades regionais brasileiras. Sua originalidade foi convocar o povo para obras comunitárias, como a construção de açudes, hospitais, escolas, cemitérios. (Nota da ***IHU On-Line***)

Se o governo não cumprir sua promessa, Dom Luiz voltará a fazer greve, mas não voltará sozinho

Entrevista com Roberto Malvezzi



Roberto Malvezzi, coordenador da Comissão Pastoral da Terra e um dos colaboradores do bispo D. Luiz Flávio Cappio, em entrevista telefônica à *IHU On-Line*, fez um balanço dos acontecimentos. Segundo ele, se o governo não cumprir o que prometeu, D. Luiz voltará a Cabrobó para reiniciar seu jejum. E não voltará sozinho. Publicamos também uma breve carta que recebemos de Malvezzi, escrita logo após o fim da greve de fome de D. Cappio. Confira, abaixo, a entrevista.

IHU On-Line -
Como o senhor avalia o saldo

de conquistas do protesto de dom Luiz?

Roberto Malvezzi - Não paramos ainda para fazer uma avaliação mais completa, mas vamos trocando impressões. O gesto de D. Luiz conseguiu ampliar o debate para o País todo, chamando a atenção para a ambigüidade dessa obra. Ele abriu espaço na mídia e provocou um crescimento do movimento. Por isso, vieram as contradições, tanto da sociedade, com seus interesses em torno do projeto, como dentro da própria Igreja.

IHU On-Line - **O senhor está se referindo a que contradições?**

Roberto Malvezzi - Refiro-me ao pessoal que tem interesse na obra e se posicionou favoravelmente a ela. Foi

revelado ainda o interesse fechado do governo na execução do projeto, por meio do Ministério da Integração. Apesar disso, também ficou claro o interesse daqueles que gostariam de ver um debate sobre a situação do Rio São Francisco e do semi-árido brasileiro. A greve de fome proporcionou isso.

IHU On-Line - **Que desdobramentos teremos daqui para a frente?**

Roberto Malvezzi - Não sabemos. Vamos ver como isso vai se refletir na sociedade. Pelo jeito, o acordo feito não significou nada para o governo.

IHU On-Line - **O que o senhor quer dizer com isso?**

Roberto Malvezzi - Embora o governo federal tenha sinalizado pela revitalização e pela suspensão por alguns dias da obra, anunciou hoje de manhã (dia 7-10) que não tem compromisso nenhum e que começará as obras em novembro. Apesar de ter ido lá negociar com D. Luiz, não houve mudanças em termos práticos. Isso é

grave e revela o caráter, o nível de comprometimento do governo com essa obra. Foi feito um acordo durante três horas, o ministro (das Relações Institucionais, Jaques Wagner) dizia ter a chancela do Lula. Quando saiu, do lado de fora, já estava com outra conversa. O governo só queria acabar com a greve de fome que o expunha nacional e internacionalmente. Quando conseguiu isso, retomou o mesmo discurso e a mesma prática.

IHU On-Line - Não havendo o cumprimento do combinado por

parte do governo, qual será a atitude de Dom Luiz?

Roberto Malvezzi - Ele disse, diante da imprensa, que voltaria à greve de fome. Várias pessoas que estavam com ele, disseram que ele não voltaria sozinho. A questão é que um protesto desses não se começa a todo o momento. É um gesto profundo. Ele está agora se recuperando, fazendo o tratamento. Não sabemos qual será a reação dele ao ouvir o que está acontecendo. Não sabemos até quando D. Luiz estará de resguardo, pois é uma questão médica.

Lula e o PT nunca mais

Recebemos e publicamos a nota de Roberto Malvezzi, Gogó, da coordenação nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT):

Amigos,
Vendo hoje as declarações de Jaques Wagner e do Ministério da Integração, marcando para novembro o início das obras da transposição, pensei em D. Luiz. Pensei na sua greve de fome, na sua boa vontade de negociar com o governo. Pensei na imediata traição do governo.
Wagner esteve em romarias da Terra e da Água da Bahia conosco, debaixo da ponte de Bom Jesus da Lapa, no leito seco do São Francisco, no ano do apagão, quando era candidato. Fez o melhor discurso de todos os petistas presentes em defesa do Rio e contra a transposição. Todo sistema CHESF estava para entrar em colapso por falta

de água. Agora se presta a esse papel de negar três minutos depois o que negociou durante três horas. Queremos vida e dignidade para todos os nordestinos, desde o Norte de Minas até o Ceará, do agreste Pernambucano ao Maranhão. Queremos um projeto de Desenvolvimento Sustentável para todo o semi-árido. Foi esse o acordo. O adiamento das obras da transposição - D. Luiz cedeu para dialogar - seria para possibilitar o diálogo que nunca houve. O governo já menosprezou seu acordo. Não tenho influência em nada, mas cheguei ao limite. Na há base ética no governo para qualquer diálogo. Lula e PT nunca mais.

Cappio, Gandhi e o jejum como luta pacifista

Entrevista com Lia Diskin



Lia Diskin é argentina, residente em São Paulo. Jornalista, com especialização em Crítica Literária pelo Instituto Superior de Periodismo José Hernandez, de Buenos Aires, realizou estudos sobre Upanixades¹¹ na Vedanta Society em Uttar Pradesh, Índia. Especializou-se nos filósofos Nagarjuna¹² e Kamala Shila¹³ no Centre for Tibetan Studies da Library of Tibetan Works and Archives em Dharamsala, Índia. Recebeu a medalha da Associação Cultural Internacional Gibran (ACIGI) por "Acrescentar ao Progresso do Ocidente a Sabedoria do Oriente" (1986). Conselheira para assuntos latino-americanos do Comitê Internacional Pró-Tibet, Washington, EUA., foi responsável pelas visitas do Dalai Lama ao Brasil e à América do Sul. Em 1998, criou o Projeto *Gandhi e a Não-Violência*, que foi realizado com a Polícia Militar do Estado de São Paulo, do qual participaram 82.600 efetivos e do projeto *Não-Violência e Segurança Pública* (que também coordenou), com a Academia de Polícia Civil do Estado de São Paulo, do qual participaram 36.000 efetivos, que aconteceu em maio de 1999. Além disso, Lia Diskin coordena o Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz, um programa da Unesco e orienta os programas destinados a professores da rede pública de ensino *Valores que não têm preço*, *Gandhi e a não-violência*, e *A Paz em Ação*, que já treinaram mais de 40.000 professores. É membro da World Wildlife Fund (Fundo Mundial para a

¹¹ Os **Upanixades** constituem o fim do ensinamento do Veda e o seu florescimento. Segundo os Upanixades, textos sagrados da Índia, o homem sábio vê e ama em seus filhos a presença do Espírito universal e eterno. Para eles, o sábio também reconhece no centro da alma de sua esposa a marca da alma do universo. Assim, se formos sábios, saberemos amar nossa cidade, nosso país, a humanidade, os amigos, os animais ou as florestas como partes de um todo cósmico em que estamos amorosamente imersos. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Nagarjuna**: um dos maiores filósofos da Índia, viveu entre o 1º e 2º séculos. Essa foi uma época de mudanças para o budismo indiano. Aproximadamente quinhentos anos depois da morte de Buda, as escolas budistas proliferavam e discutiam sobre todo o alcance das doutrinas e práticas budistas. Além disso, elas também participaram de debates com as escolas não-budistas das quais as mais inovadoras, uma forma incipiente de Mahayana, produziu uma nova literatura que reivindicava retornar esotericamente ao próprio Buda e que foi chamada de Prajna-Paramita (Perfeição da Sabedoria). Nagarjuna é o primeiro indivíduo associado pela tradição com o budismo Mahayana, a forma de budismo que desenvolveu a literatura do Prajna-Paramita. Para mahayanistas, Nagarjuna é considerado como tendo sido superado apenas por Buda em importância e profundidade de percepção. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Kamala Shila**: Grande mestre da meditação. (Nota da **IHU On-Line**)

Natureza) - projetos internacionais para a Preservação da Natureza e das Religiões. Traduziu e editorou mais de 40 livros, entre eles: *Minha Vida e minhas experiências com a Verdade*, de Mahatma Gandhi (São Paulo: Palas Athena, 1999); e *Yoga, imortalidade e liberdade*, de Mircea Eliade (São Paulo: Palas Athena, 1996). É também autora e co-autora de livros sobre filosofia e educação, entre os quais citamos: *Paz, como se faz*, Editado pela Unesco com o Governo do Rio de Janeiro, em 2002.

IHU On-Line - Como a senhora avalia o gesto de Dom Luiz Frei Cappio, que assumiu um jejum ou greve de fome, para conseguir frear as obras do governo da transposição do Rio São Francisco?

Lia Diskin - É o gesto legítimo de alguém que conhece o dia-a-dia das populações ribeirinhas, suas dificuldades, desafios e frustração com promessas que se renovam a cada governo e nunca se cumprem. Na convicção de Dom Frei Luiz Cappio a transposição do Rio São Francisco agravaria a penúria de milhares de pessoas, que esgotaram todos os recursos legais para impedir sua realização. Aliado a isso, sua vocação religiosa o impele a dedicar o melhor de si para servir seu próximo, no exemplo vivo do próprio Cristo.

IHU On-Line - Por que uma reação assim choca a cultura contemporânea e faz com que o Bispo fosse chamado de suicida pela mídia, de "judiar o corpo" como foi o caso do Presidente da República ou de autoritário como foi o caso de alguns ministros?

Lia Diskin - É evidente que nos encontramos em uma sociedade que sobrevaloriza o individualismo, a exclusividade, o prazer voraz. Quando surge, no cenário nacional, alguém que está disposto a abrir mão, não de suas posses, títulos ou cargos - o que já seria uma afronta para o egoísmo - mas sua própria vida, desencadeia sentimentos polarizados. Isto é justamente o que se busca com o jejum como instrumento

de transformação social: sensibilizar consciências apáticas. Nesse sentido, o jejum de Dom Cappio foi um rotundo sucesso! Seu silêncio ascético, abrigado na aridez do Nordeste brasileiro, ecoou no mundo todo com mais força e ousadia do que discursos proferidos na ONU.

IHU On-Line - Qual é o sentido do jejum no pensamento e na vida de Mahatma Gandhi?

Lia Diskin - Quando falamos em Gandhi, não podemos esquecer o contexto cultural a que pertenceu, nem o fato de haver lutado contra várias frentes ao mesmo tempo. Por exemplo, contra o imperialismo britânico na Índia e contra o sistema de castas no seu próprio país. O jejum para Gandhi tem um propósito purificador, no sentido de remover a ignorância cujas conseqüências provocam sofrimento, humilhação, desamparo. Para ser eticamente efetivo deve cumprir três pré-requisitos: 1) realizar-se por motivos que atendam necessidades do bem comum, de outros, de muitos. Não é aceitável fazer uso do jejum para benefício próprio, ou de causas auto-referentes. 2) Ater-se às exigências da verdade, comprometendo-se com a transparência das informações, evitando tanto quanto possível a manipulação e o sigilo. 3) Não ter por objetivo a destruição ou descrédito de alguém em particular, isto é, não ser movido pelo ódio, raiva, ciúme ou inveja.

IHU On-Line- Como, no caso de Gandhi e do hinduísmo, o jejum

está intimamente ligado à luta pela paz e pela não-violência?

Lia Diskin- O jejum exige do autor um repertório de atitudes que nascem da autodisciplina, autocontrole e autopurificação. Não é uma técnica disponível para todos. Obviamente, todos podemos jejuar, mas fazer uso do jejum para alcançar mudanças coletivas está reservado a muito poucos. Esses precisam ter estatura moral, autoridade espiritual e contar com o respeito e consideração da comunidade. É a admiração dos outros que outorga poder e dignifica o sacrifício do jejuador.

No caso de Gandhi, a não-violência é o compromisso maior, e deve estar presente em todos os procedimentos ou meios de ação política. Longe de ser passiva, a não-violência revoluciona a dinâmica do conflito, pois não busca derrubar um oponente, mas preservar sua integridade física e psicológica. O alvo dos métodos de resolução pacífica de conflitos é o comportamento, lei, costume ou atitude que oprime, subjuga, imobiliza ou impede o pleno exercício da condição humana. O que se condena não é o tirano, mas o ato de tirania. Desse modo, sempre fica aberta a possibilidade de conversão, a transformação do tirano, podendo tornar-se um futuro aliado e promotor de relacionamentos, permeados pelo respeito e pela confiança mútua.

IHU On-Line - Quais eram os interesses contra os quais Gandhi lutou em sua época usando o jejum como instrumento?

Lia Diskin - O jejum foi utilizado por Gandhi como método de evidenciar injustiças em quatro frentes: 1) contra o racismo na África do Sul; 2) na luta pela independência da Índia, subjugada pelo Império Britânico; 3) contra o sistema de castas de sua própria sociedade; 4)

para minimizar o ódio religioso entre hindus e muçulmanos.

IHU On-Line - Qual é o sentido místico do jejum? O que ele produz naqueles que o fazem?

Lia Diskin - O jejum, o voto de silêncio, o recolhimento das atividades e a oração ou meditação são vias de limpeza interior, purificação. A avalanche de estímulos que recebemos diariamente exaure nossa capacidade criativa e de renovação interior. Transferimos geralmente o nosso poder espiritual para as coisas, pessoas e instituições. Assim criamos amuletos, ídolos, seitas e gurus, dos quais mais tarde exigimos soluções eficazes, proteção e cura. No fundo, usamos a lógica mercantil de investir "recursos" para auferir "lucros". O que se busca com o centramento, com a quietude, é ampliar a capacidade de percepção da realidade, tornando nossa presença no mundo fonte de benefícios e inspiração para todos quantos nos rodeiam. Fazer de nós um instrumento de paz, como dizia São Francisco, é a obra à que se dedica um educador de si próprio.

IHU On-Line - Que aspectos do pensamento e a vida do líder pacifista poderiam iluminar hoje mais a sociedade brasileira?

Lia Diskin - Penso que a arquitetura conceitual e vivencial da metodologia da não-violência; tanto para promover mudanças individuais quanto transformações sociais. Os índices de violência nas grandes capitais brasileiras são preocupantes, descaradamente incivilizados. Insistir em sistemas repressivos é retrógrado e se mostra ineficiente.

Há outras vias, ainda não implementadas em grande escala, que se mostram promissoras e salutares. Exemplos concretos são: a mediação de conflitos, a justiça restaurativa; as

terapias comunitárias, que começam a germinar no Brasil de maneira silenciosa. É questão de tempo e persistência ou, como gosta de dizer Edgar Morin¹⁴, "há que se ocupar as brechas, as frestas, para redescobrir o humano".

IHU On-Line - Como a senhora vê o debate sobre desarmamento, a pergunta sobre proibição de armas e munições que será feita no referendo do próximo dia 23?

Lia Diskin - O debate sobre o desarmamento está sendo um grande exercício nacional de cidadania, de reflexão e capacidade de argumentação. Seja qual for o resultado do referendo em 23 de outubro, o tema tomou as ruas, as salas de aula, os bares, as conversas em família. Isso por si só já justificou a proposta da consulta popular. Entretanto, é necessário esclarecer que o objetivo do Estatuto do Desarmamento não é desarmar os criminosos. Essa é uma função da polícia. Não podemos ser ingênuos nem iludir a população. Temos que disponibilizar informações e estudos que permitam às pessoas tirar suas próprias conclusões. Esses estudos revelam que a presença de uma arma em casa é mais um fator de risco do que de proteção: uma pessoa com arma em casa tem 57% mais chances de ser

¹⁴ **Edgar Morin**: sociólogo francês, autor da célebre coleção *O Método*. Os seis livros da série são tema do **Ciclo de Estudos sobre "O Método"**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com a Livraria Cultura, de Porto Alegre. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na Sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A religião dos saberes. O desafio do século XXI*. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2001. (Nota da *IHU On-Line*)

assassinada do que aquela que está desarmada, com o agravante de que o assassino termina por apropriar-se da arma que supostamente tinha o objetivo de proteger.

IHU On-Line- Algum outro aspecto que queira destacar e não foi perguntado?

Lia Diskin - Sim, gostaria de manifestar publicamente minha admiração pelo gesto corajoso e singular de Dom Frei Luis Cappio. Não convocou as massas para jejuar com ele, nem ostentou sua decisão em praça pública. Assumi conscientemente os riscos e, sem ódio nem ressentimentos, levou à frente sua visão.

"Questionamos o tamanho da obra e a sua capacidade de dar resultados".

Entrevista com Luiz Mandela

No dia em que o bispo de Barra, Bahia, Dom Luiz Flávio Cappio completava 59 anos de idade e nove dias de greve de fome (4 de outubro), a equipe da *IHU On-Line* conversou por telefone com o engenheiro agrônomo baiano Luiz Cláudio Mandela, assessor nacional da Cáritas para o semi-árido. O especialista falou de seu celular, diretamente da celebração presidida por Dom Tomás Balduino, presidente da Comissão Pastoral da Terra, em Cabrobó, na Bahia. Enquanto concedia a entrevista, o assessor estava sentado ao lado de Dom Luiz.

***IHU On-Line* - Por que revitalizar o Rio São Francisco e não transpô-lo?**

Luiz Cláudio Mandela - O projeto da transposição tem como base pegar água do Rio São Francisco por meio de duas tomadas, em Cabrobó e em Floresta, e levá-la através de canais e dutos para os açudes do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Pernambuco. Serão 2700 km de canais a céu aberto. Será preciso elevar a água em alguns pontos a mais de 300m de altura. É uma obra gigantesca. A idéia é gastar no início do projeto, na primeira etapa, R\$ 4,5 bilhões. Aí, precisamos analisar duas questões básicas. Primeiro, refletir sobre qual a necessidade real de um projeto como esse. Nós entendemos que há uma necessidade de construir intervenções para assegurar água para as populações do semi-árido, mas questionamos o tamanho da obra e a capacidade de dar resultados. Ela levará água para os açudes que já existem. Hoje, a água destes açudes não chega às comunidades que dela necessitam. A água está sendo usada para o agronegócio e para algumas propriedades particulares. A segunda questão é que existem alternativas mais

baratas, mais simples, e com capacidade de dar resultados em curto prazo para as populações do semi-árido.

***IHU On-Line* - E quais seriam essas soluções?**

Luiz Cláudio Mandela - As barragens subterrâneas, por exemplo. Há a possibilidade de construir um sistema de placas, assegurando água na casa de cada família. São várias tecnologias que existem e são geradas pelos centros de pesquisa espalhados pelo Brasil. O terceiro ponto a ser levado em conta é que o governo está comprometido com as empreiteiras que vão ganhar muito dinheiro com essa obra. E também estão comprometidos com as empresas do agronegócio. A agricultura familiar sai prejudicada.

***IHU On-Line* - As empreiteiras ganhariam também com a revitalização do Rio?**

Luiz Cláudio Mandela - Com certeza. 80% dos municípios da bacia do São Francisco não têm saneamento básico. Seria possível gerar emprego por meio da resolução do problema do saneamento básico. O agronegócio

também ganharia com isso. Na verdade, o que eles querem é ganhar mais com o uso da mão-de-obra, já que é mais barata na região do semi-árido do que na região localizada ao redor da bacia do São Francisco. Tem toda uma jogada em torno da transposição do São Francisco. Na nossa opinião, o projeto não visa beneficiar 11 milhões de pessoas como o governo fala.

IHU On-Line - E o Rio já está sofrendo...

Luiz Cláudio Mandela - Pois é, além de tudo isso tem a situação do Rio São Francisco. Como eu disse anteriormente, 80% dos esgotos dos municípios são jogados sem tratamento no Rio. Isso eleva o nível de poluição e diminui sua capacidade de fornecer água de qualidade. Isso sem contar o desmatamento do São Francisco e dos seus afluentes. Há uma necessidade clara, objetiva e urgente de possibilitar o projeto de revitalização para, então, pensarmos na necessidade de fazer um projeto de transposição. Tanto Dom Luiz como as entidades que fazem parte do Movimento Vida Pela Vida estão lutando por um projeto que una o Nordeste e não o desuna. Um projeto

que não lese a região semi-árida do Brasil.

IHU On-Line - Imaginava-se que o Presidente Lula, tendo nascido no Nordeste e vindo das camadas populares, tocaria um projeto como o de transposição?

Luiz Cláudio Mandela - Nós, do Fórum de Defesa do São Francisco, lutamos por mais de seis anos contra o projeto de transposição de Fernando Henrique Cardoso. Não acreditávamos que Lula o ressuscitaria e que assumiria como o projeto-bandeira de seu governo. Acreditamos que o governo Lula e o próprio Presidente descerão das nuvens que estão cobrindo sua razão e seu coração e abrirão a possibilidade de discutir com a população a questão do semi-árido brasileiro. Não aceitamos mais a negação de que o povo do semi-árido não sabe o que quer do seu futuro. Queremos ser questionados, ouvidos e, para isso, e justamente por isso, estamos organizando esse movimento. Essa é uma das bandeiras que Dom Luiz não vai baixar enquanto o governo Lula não assinar uma carta dizendo que vai suspender o projeto e que irá escutar o povo do semi-árido.

"O governo quer impor garganta abaixo um projeto tecnicamente ruim, socialmente preocupante e politicamente desastroso"

Entrevista com João Suassuna

O pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, de Recife, João Suassuna, que há dez anos estuda o Rio São Francisco, concedeu, dia 5 do mês em curso, entrevista à *IHU On-Line* sobre o projeto do governo de transposição do Rio São Francisco. O engenheiro agrônomo e mestre em Botânica falou sobre as dificuldades do Rio, da região semi-árida e sobre a greve de fome do bispo Dom Luiz Flávio Cappio, algumas horas antes de essa greve ser encerrada pelo bispo, no dia 6 de outubro passado. Confira, a seguir, o depoimento esclarecedor do especialista.



***IHU On-Line* - O senhor fala, no site da Fundação Joaquim Nabuco, que, depois da crise de abastecimento de energia elétrica no Nordeste, em 1999, a transposição do Rio São Francisco passou a ser vista como a única alternativa de solução para o problema. E fala que vislumbra dois cenários: o imediatismo e a ponderação. O senhor pode explicar melhor isso?**

João Suassuna - Imediatismo é a vontade que o político no Nordeste tem de fazer chegar água à torneira da população sem pensar se haverá água para fazer isso, sem levar em conta o impacto que isso terá para o meio ambiente. A ponderação é o lado dos técnicos, significa resolver o problema, tendo o cuidado com os impactos que essa solução possa causar na natureza. É onde entro com o meu trabalho. Considero o São Francisco hidrologicamente pobre.

***IHU On-Line* - Por quê?**

João Suassuna - O São Francisco tem uma vazão média de 2,8mil metros

cúbicos por segundo em uma área de 640 mil quilômetros quadrados. Se fizermos uma comparação com o Rio Tocantins, da Bacia Amazônica, veremos que ele tem a mesma área da bacia do São Francisco, mas apresenta uma vazão média de 11,8 mil metros cúbicos por segundo. No São Francisco, 60% da área tem clima semi-árido e seus afluentes são temporários. Por essa razão sua vazão é diminuta. Além disso, é preciso levar em conta que é um rio de múltiplos usos. Há um parque de irrigação importante no Nordeste. Estima-se que, nas margens do São Francisco, haja uma necessidade de irrigação de um milhão de hectares, dos quais 340 mil já estão irrigados. Isso leva do Rio 170 metros cúbicos por segundo para irrigar os 340 mil hectares. Essa área cresce 4% ao ano, significando que, mesmo mantendo a quantidade de irrigação atual, a cada ano, se retirará mais água do São Francisco para conduzir essa irrigação.

***IHU On-Line* - O senhor falou à Folha de S.Paulo que um dos problemas da**

transposição é a falta de energia elétrica...

João Suassuna - 95% da energia gerada no Nordeste provém do São Francisco. Temos um potencial instalado de 10 mil megawatts que não pode ser aumentado porque a companhia de geração de energia do Nordeste já explorou quase totalmente o potencial gerador do Rio. Não podemos crescer mais em termos de geração de energia e o Nordeste continua crescendo. Temos previsão de crescer 3,5% do PIB neste ano e as demandas de energia crescem 2% acima do PIB. Isso significa que o crescimento da demanda de energia cresce 6%. Assim, daqui a 10, 12 anos, teremos de dobrar a geração de energia no Nordeste. Em vez de 50 milhões, teremos de ter 100 milhões de megawatts/hora. A pergunta que não quer calar? Se o nosso potencial gerador está praticamente esgotado, onde será gerada essa energia?

IHU On-Line - O senhor está dizendo que, na situação atual, o potencial está quase esgotado e ainda querem tirar água do São Francisco?

João Suassuna - Neste cenário, querem tirar água do São Francisco para abastecer 12 milhões de pessoas no Nordeste. Fazendo isso, colocarão em risco todos os investimentos que já foram feitos na área. Só no setor elétrico, foram investidos cerca de US\$ 13 bilhões. O Rio já dá sinais de debilidade. Em 2001, tivemos um sério problema de racionamento no Nordeste por causa da falta de água do São Francisco. Tivemos de partir para os feriados por aqui, caso contrário, o sistema apagava.

IHU On-Line - Então o senhor é contra a transposição?

João Suassuna - Sou contra a transposição como está hoje. As alternativas que tenho colocado é que o

Nordeste tem água em cada um de seus estados. Temos 70 mil represas no Nordeste. Essas represas acumulam um potencial de 37 bilhões de metros cúbicos. É o maior volume d'água represado em regiões semi-áridas do mundo. Não temos uma política coerente para o uso de águas. As 28 maiores represas acumulam um potencial de 18 bilhões de metros cúbicos de água. 30% do volume são usados na irrigação e abastecimento das populações. Os 70% restantes, acredite, estão em processos constantes de evaporação. Qual seria a atividade mais coerente? Traçar uma política de uso dessas águas por meio de uma política de adução ou pegar as águas no São Francisco? A primeira alternativa é a mais sensata. O governo federal não entende esse tipo de coisa. Quer impor garganta abaixo um processo tecnicamente ruim, socialmente preocupante e politicamente desastroso.

IHU On-Line - Politicamente desastroso?

João Suassuna - Sim, porque os estados doadores das águas do São Francisco, Minas Gerais, Bahia, Sergipe e Alagoas, são contra o projeto. Eles não terão participação efetiva nisso. Só são a favor os estados do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Gostaria de lembrar ao governo federal que Minas é o segundo maior colégio eleitoral do País.

IHU On-Line - Como o senhor vê a greve de fome de Dom Luiz?

João Suassuna - Este cidadão que está fazendo greve conhece como ninguém o São Francisco. Está morando lá, conhece toda a bacia, fez uma peregrinação desde a nascente até a foz do Rio. Essa atitude é um brado de alerta para essas medidas malucas tomadas pelo governo que impõe um projeto que é ruim tecnicamente. Dom Luiz não viu outra alternativa. Ele é um homem obstinado. Se não chegar a um acordo, morrerá.

***IHU On-Line* - O senhor considera a greve de fome um instrumento legítimo de pressão?**

João Suassuna - Não tenho dúvida de que seja legítimo. O bispo está sabendo falar a linguagem do governo. A obra está embargada pelo Supremo Tribunal de Justiça. Houve um estudo de impactos ambientais, no qual foram levantados 44 vetores de risco, 33 dos quais representam riscos fortes para o meio ambiente. Mesmo assim, o projeto está sendo considerado ambientalmente viável. O STJ apresentou uma liminar até que sejam esclarecidos os pontos obscuros do projeto. Até ser suspensa a liminar, não se pode tirar uma pá do São Francisco. Mesmo assim, o governo colocou o exército lá para começar a obra. O governo vai fazer isso impondo garganta abaixo. Para **Ciro Gomes** não existe moleza.

***IHU On-Line* - O senhor acha que o governo reagirá à pressão?**

João Suassuna - Acabei de ler uma notícia de que o governo vai adiar as obras para negociar com o bispo. O ato de **Dom Luiz** está surtindo efeito. De forma drástica, é claro, mas ele sabe usar a linguagem do governo.

***IHU On-Line* - Quais são as falhas do projeto de transposição?**

João Suassuna - Os canais previstos para levar água aos estados receptores terão 25m de largura, 5m de profundidade e 700km de comprimento. Serão abertos nos piores solos do Nordeste. Nesta área, há uma geologia que a gente chama de cristalino. Isso significa que a rocha está na superfície, chegando a aflorar em alguns pontos. Para cavar 5m de profundidade, é preciso usar explosivos para tirar a rocha. Isso vai atrasar, e muito, o cronograma de execução das obras.

Vamos supor que o governo coloque como meta a construção de 100m de canais por dia. Não vão conseguir. Entretanto, digamos que coloquem todas as empreiteiras do País para trabalhar no projeto e consigam fazer isso, para executar 700km de canais serão necessários 7 mil dias. São 17 anos. O governo prometeu fazer chegar as águas à casa das pessoas no Natal do ano que vem. Eles querem enganar a quem?

***IHU On-Line* - E esses canais vão funcionar?**

João Suassuna - Os canais passam pelo semi-árido, que tem um potencial de evaporação enorme. A represa de Sobradinho, para se ter uma idéia, tem 34 bilhões de metros cúbicos. Seu espelho d'água evapora 200m cúbicos por segundo. Para se saber o que significa, são 200 caixas d'água de mil litros evaporando a cada segundo. Esses canais, com essas dimensões, passando numa região semi-árida, sofrerão uma evaporação exacerbada. Isso acarretará uma grande troca com o meio ambiente. É possível que a água evapore no meio do caminho. E isso não está sendo considerado no projeto.

***IHU On-Line* - O que mais não está sendo considerado?**

João Suassuna - Não estão sendo consideradas perdas casuais, que é o furto d'água propriamente dito. A população sedenta vai pegar água. Imagine um canal passando perto de casa? Não existe fiscalização de obra aqui. Não haverá controle. Escrevi um artigo, em 2000, intitulado *A Gerência da Torneira*, mostrando que as ingerências políticas neste tipo de situação são mais poderosas que a reação em cadeia de uma explosão atômica.

Lições da greve de fome de Dom Luiz Cappio

Por Eduardo Stotz

Reproduzimos a mensagem a seguir, escrita por Eduardo Navarro Stotz, da Fundação Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro. Ele acompanhou cuidadosamente o desenrolar dos fatos desde o início do projeto de transposição das águas do Rio São Francisco até o desfecho da greve de fome de frei Luiz Cappio e, por isso, acredita que “talvez este seja o início de um amadurecimento político dos trabalhadores brasileiros”. Stotz é graduado em Ciências Sociais, mestre em História e doutor em Saúde Pública. Entre seus livros publicados citamos *O tempo no planetário e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2002.

A greve de fome de frei Luiz Cappio foi encerrada no dia, 6 de outubro. O protesto foi interrompido com a promessa, após negociações entre o ministro das Relações Institucionais, Jaques Wagner, e o frei, de que as ações de revitalização do Rio São Francisco vão preceder as da transposição de suas águas. Uma vitória parcial do frei e de todo o amplo movimento social construído em torno dele. Parcial porque o projeto da transposição não foi abandonado para dar lugar a outra opção, como a da criação, pelo Nordeste inteiro, de uma rede de interligação e de distribuição dos açudes já existentes, a exemplo do Castanhão, no Ceará.

Há uma batalha jurídica em andamento, pois o Fórum Permanente em Defesa do São Francisco solicitou, e os ministérios públicos estadual da Bahia e Federal encaminharam, uma ação cível pública acolhida pela 14ª Vara da Justiça Federal. A Advocacia Geral da União (AGU) vai recorrer da decisão.

Enquanto isso vale fazer algumas reflexões.

A capela de São Sebastião, construída pelos próprios moradores, onde frei Luiz Cappio fez, durante 11 dias, greve de fome, tornou-se um centro de romaria nacional - trouxe até índios para a realização do toré - num fenômeno, no qual se fundiram religiosidade, ambientalismo e política, raramente visto em nossa história. A questão ambiental no Brasil foi finalmente politizada pelos trabalhadores rurais e pela população ribeirinha. O povo voltou a tornar-se sujeito político: essa é a principal lição que podemos extrair do grande evento que teve por palco o Velho Chico.

Outras lições:

1. Indivíduo e história: a ação de uma pessoa inserida num contexto de luta é capaz, apesar da situação politicamente desvantajosa, de alterar este contexto. A capela foi o centro do qual se propagaram ondas de solidariedade em virtude das redes sociais construídas ao longo de anos e que ainda estavam fortes devido à luta recente contra o projeto da transposição.

2. Política e religiosidade: a atitude cristã de oferecer a vida em nome da vida, praticada pelo frei na greve de fome, contrária inclusive à religião institucionalizada (Vaticano, Secretaria Geral da CNBB), recompôs o sentido da política do ponto de vista popular e afetou profundamente um governo enfraquecido do ponto de vista ético-político. Pegou o governo "desprevenido", gerou "mal-estar" e finalmente conduziu-o à mesa de negociação, com o detalhe de que Lula não indicou Ciro Gomes, o ministro do Interior.

3. O fracasso do Congresso e da representação política: durante todo o processo turbulento que levou à aprovação do projeto da transposição, o Senado, instância da representação dos estados e da federação, ficou completamente à margem da discussão. A divisão entre os senadores contra e a favor do projeto, expressando a divisão entre os governos estaduais, deixa patente os limites da democracia representativa em nosso país, principalmente por não partir do princípio do conflito de interesses. O Partido dos Trabalhadores foi o grande ausente neste processo.

4. A Igreja expressa as divisões da sociedade: ao contrário do Senado, incapaz de acolher as divisões da sociedade no Nordeste, a Igreja Católica tornou-se, mais uma vez, como na época da ditadura militar, a teia de relações da sociedade civil por onde se recompôs a política. Temos de pensar nisto: o Brasil ainda é um país católico e nossa democracia é formal.

5. A "mídia" está em questão: em nenhum momento do processo de luta sobre os usos da água do Rio São Francisco, os meios de comunicação de massa informaram com clareza, sobre

os interesses em jogo na transposição das águas do grande rio. Em nenhum momento, se falou dos interesses econômicos envolvidos, deixando patente a proteção do "hidronegócio" e dos interesses políticos associados principalmente no Ceará.

6. As eleições e a indústria da seca: o projeto da transposição implica também a transposição dos interesses dos latifundiários e dos currais eleitorais que impedem a distribuição da água no semi-árido. Não questiona a "indústria da seca".

Todos esses fatos e essas reflexões convergem para destacar a importância e a necessidade imprescindível da participação popular, da sociedade civil de cunho popular, e do fortalecimento de redes sociais e informacionais capazes de reconstruir, de baixo para cima, a democracia que foi destruída pelos militares em 1964 e cujo despertar, entre 1978 e 1988, foi atalhado pelos sucessivos governos neoliberais e sua continuidade até o presente.

De fato, a batalha pela opinião pública começou agora, com o movimento popular contra o projeto da transposição das águas do Rio São Francisco. É por isso que a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, e do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rosseto, assinam com Ciro Gomes, ministro do Interior, o artigo "Água para todos", no qual defendem a sustentabilidade ambiental, a viabilidade econômica e o caráter socialmente justo da transposição sem entrar no mérito da questão da água no semi-árido e das dificuldades impostas ao processo de consulta pública sobre o projeto governamental. Mas, como sabemos, trata-se de uma defesa do governo Lula, do "Nordeste

setentrional” onde se joga, com este projeto, os trunfos da reeleição.

Outro caminho é possível. A política, desde que não-restrita à sua esfera

institucionalizada, é como água, sempre haverá de encontrar caminho para escoar. Ao contrário dos versos da poesia de Edgar Allan Poe, nunca diga nunca mais.

As cabras do Padre Lyra

Reflexões de um dinossauro aposentado, sensível ao jejum do Frei Cappio

Por Paulo Couto Teixeira

Recebemos e publicamos o artigo de Paulo Couto Teixeira (“Pulika”). Pulika é artista plástico e secretário de Ação Social e Direitos Humanos da Diocese Anglicana de Brasília. Foi, de 1972 a 1989, técnico do Ipea, onde ajudou a organizar a “Reunião de Trabalho sobre Política de Desenvolvimento Rural do Nordeste (Ipea-Sudene, 1982), e secretariou a Comissão Interministerial para coordenação e elaboração do Projeto Nordeste. Ele é especialista em Planejamento Econômico e Social (UnB), em planejamento do Setor Público (Cende/Ipea), em projetos de desenvolvimento rural integrado (IDE/Banco Mundial), e também formou-se no Curso de altos estudos em política e estratégia (Caepe-Escola Superior de Guerra). Aposentado desde 1994, pertence ao quadro de inativos do Ministério do Planejamento. Ele contribuiu gentilmente com a revista *IHU On-Line* na 133ª edição, com as ilustrações sobre o tema da mística. O título da revista é *Delicadezas do Mistério. A mística hoje*.

“Não se deve confundir a lua com o dedo que aponta para a lua.”(Aforismo budista)
“Se tiveres ouvidos para ouvir, comerás o fruto saboroso da terra.” (Isaías)

A polêmica sobre o projeto de Transposição de Águas do São Francisco não é apenas ideológica. Tem interesse de todo tipo. Muita gente de olho na bolsa da viúva. Inclusive latifundiários e seus laranjas das bandas do São Francisco, que também querem puxar para o seu prato um pouquinho do rico pirão que já não dá para todos. Muito pouco, mas muito menos mesmo sobrar para os pobres, que, infelizmente, neste país e particularmente no Nordeste, só são lembrados quando se quer justificar um

projeto de interesse dos graúdos. Autorizados os recursos, banana pra eles!

No meu tempo¹⁵, todos os projetos de recursos hídricos e de crédito rural, subsidiados, às vezes, com juros negativos, destinados à pobreza rural nordestina, devem ter sido apropriados pela oligarquia em quase sua totalidade. Os que conseguiram conter um pouquinho foram alguns pequenos programas regionais, como o Polonordeste¹⁶, no que respeita ao crédito rural. Mesmo neste caso, apenas uma parte mínima dos recursos aprovados era descontingenciado. Portanto, doce ilusão imaginar que estes recursos agora chegarão aos pobres. É só ver quem se beneficiou com os projetos de irrigação da Codevale¹⁷, no São Francisco, e tantos outros, construídos com o suado dinheirinho dos impostos e que acabam por ser apropriados pelos grandes grupos.

Realmente, o projeto do Dr. Ciro Gomes é de encher os olhos, pra inglês nenhum botar defeito. Os números são, de fato, impressionantes, e a epopéia de levar água assim de um lugar para o outro tão distante é muito sedutora.

¹⁵ Aqui o autor se refere ao período em que trabalhou como técnico do IPEA, de 1972 a 1989. Criado há 40 anos, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada é pioneiro na disseminação de informações e conhecimentos sobre a área econômica do País. Vinculado ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, o IPEA produz pesquisas, projeções e estudos macroeconômicos, setoriais e temáticos com o intuito de subsidiar o governo na produção, análise e difusão de informações voltadas para o planejamento e a formulação de políticas. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁶ **Polonordeste:** Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste, instituído em 1974, para promover a modernização da agropecuária em áreas selecionadas da região. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁷ **Codevale:** Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha. (Nota da **IHU On-Line**)

Principalmente se vem enfeitada com temperos sociais. Os responsáveis afirmam que o discutiram à exaustão com todo o mundo. Mas aparentemente esqueceram os especialistas em análise governamental de projetos (se é que eles existem ainda, coisas de dinossauro...), aptos a medirem o custo-benefício dentro da boa técnica, ou seja, levando em conta o uso alternativo dos recursos dentro das finalidades propostas ("custo de oportunidade"). Para eles importa o bom aproveitamento dos recursos públicos escassos, numa alternativa de apropriação que, atendendo aos objetivos econômicos e sociais, possibilite disponibilizar o máximo de meios para as demais finalidades sociais. Em outras palavras: o valor a ser absolutizado é o alcance dos objetivos socioeconômicos ("a lua"), e o valor relativo à maneira pela qual estes objetivos são alcançados ("o dedo que aponta a lua"). Não é acertado fixar-se numa estratégia a priori (movida por interesses), e impô-la a qualquer preço, mas sim fixar-se nos objetivos e escolher a melhor alternativa para consegui-los, com base na escassez relativa de recursos e nos benefícios líquidos de cada alternativa, comparando-as. Na melhor das hipóteses, o que deve ter acontecido é que se tomou a decisão (política) de fazer o projeto, com base nos canais do São Francisco, passando por cima de outras possibilidades razoáveis e menos onerosas que poderiam ter sido mais exploradas. Por isso, é legítimo supor que existem outros interesses atrás de muitas boas intenções.

Alternativa que mereceria ser encarada com seriedade é, em vez de fazer canais, começar agora das sub-bacias existentes em cada Estado nordestino, de maneira a assegurar melhor aproveitamento da água já disponível, que somente a longo prazo precisaria

ser reforçada, ao que consta. Existe ainda muita água disponível em rios nordestinos perenes e no subsolo, mas muito mal-utilizada. No meu tempo de Ipea (já faz muito tempo!) relatórios indicavam que a maioria dos poços perfurados era sem condição de uso por falta de manutenção, e eles, bem como os açudes e os rios, localizavam-se em terras particulares (em geral latifúndios). Nada indica que esta situação tenha mudado, que a estrutura agrária tenha deixado de piorar. E quem sofre com a seca são os pequenos proprietários e produtores rurais sem terra. Seria um estudo interessante justapor os mapas dos canais previstos e dos rios beneficiados pelo projeto, com os mapas relativos à realidade agrária das áreas que serão atendidas. Isso foi feito?

Certa vez, o Ipea determinou que eu fizesse um estudo visando a propor ações de apoio a uma fundação em São Raimundo Nonato, Piauí, dedicada aos pequenos criadores de cabras no sertão. Na região, encontrei uma fazenda financiada com recursos públicos subsidiados, onde o proprietário "cercou" o único rio perene da área, fazendo uma "lingüiça" de terras ao redor de suas margens, e ali implantou

um oásis com vacas, árvores frutíferas, etc. Em conseqüência, as cabras ficaram sem ter onde beber. Este deve ser um caso extremo, mas é uma realidade assim que talvez se queira contornar insistindo em trazer mais águas de longe, que, com toda a certeza, não servirão para compensar os prejuízos dos sertanejos do Padre Lyra.

Certamente Dom Luis Cappio nada entende de custo benefício, mas sou-lhe muito grato por ter intuído o canto dos dinossauros e conseguido estancar, pelo menos por uns tempos, com um gesto simples e dramático, o rolo compressor dos grandes interesses que, desde remotas eras, mandam neste país e que agora estão por trás desse tal projeto-vitrine, abrindo-nos uma esperança de que, quem sabe, desta vez os recursos do povo poderão ser utilizados em benefício dos brasileiros excluídos, sempre esquecidos. Mas muito mais ainda por lembrar-nos, profeticamente, que somente na Paz, fundada na Justiça, é que os pobres enfim vencerão. E que a força dos pequeninos é a Paz e a organização, gratuitas e generosas, sem custo de oportunidade.

Longa vida a dom Cappio!



"O gesto do Bispo foi uma glorificação do suicídio"

Entrevista com Nelson de Sá

IHU On-Line entrevistou, por telefone, o jornalista Nelson de Sá, do jornal **Folha de S. Paulo**, sobre a cobertura dada por ele próprio e a mídia em geral à greve realizada por D. Luiz Cappio entre 26 de setembro e 6 de outubro de 2005, contra a transposição do Rio São Francisco. Na **Folha** desde 1985, Nelson de Sá foi redator,

editorialista, correspondente em Nova York, editor-assistente de Brasil e Mundo, secretário-assistente de Redação, repórter especial, crítico de teatro e editor da *Ilustrada*. No teatro, após cursar interpretação e dramaturgia, foi assistente de direção de Zé Celso Martinez Corrêa na montagem de “As Criadas”, de Jean Genet, e co-tradutor de “Hamlet”, de Shakespeare. Dirigiu, em 2003, sua primeira peça, “4.48 Psicose”, de Sarah Kane. É autor de *Diversidade: um guia para o teatro dos anos 90*, publicado pela Editora Hucitec. O jornalista Nelson de Sá escreve a coluna *Toda Mídia*, que aborda a política nacional e internacional, economia e outros temas da cobertura das mídias convergentes (televisão, rádio, internet, imprensa). A coluna, publicada de segunda à sexta-feira no caderno Brasil da *Folha*, traz cerca de seis notas.

***IHU On-Line* – Em artigo publicado na sua coluna, no dia 4 de outubro, o senhor se referiu a Dom Luiz como “o bispo suicida”. Vê mesmo no ato dele um gesto suicida?**

Nelson de Sá – Nas declarações, ele disse: “Vou até o fim, vou dar a minha vida”. Ele estava disposto a se matar. Fora da minha alçada jornalística, eu também trabalhei em teatro e dirigi uma peça sobre suicídio. Estudei um bocadinho o assunto. Eu não consigo ouvir quieto quem estimula o martírio. Sei o quanto isso afeta as pessoas que têm propensão para a coisa. O que houve foi uma glorificação do martírio, uma glorificação do suicídio. Isso me irrita profundamente, porque tem gente que vai pagar por isso e não vai ser o bispo. A não ser que ele esteja disposto. Não dá para brincar com isso. Não se pode falar “vou morrer” e depois não morrer.

***IHU On-Line* – Então Dom Luiz estaria fazendo apenas uma ameaça?**

Nelson de Sá – Pelo jeito ele já cedeu. Que brincadeira é essa? Ele brincou com o suicídio assim, na boa! Tem gente que não acha isso engraçado.

***IHU On-Line* – O senhor estabeleceu também algum tipo de relação entre D. Cappio e Frei Tito (citando a agência de notícias que leva seu nome). Está querendo marcar diferenças ou semelhanças entre a Igreja da década de 1970 e a contemporânea ?**

Nelson de Sá – Não sei se eu posso chegar a tanto. Nessa história da transposição e da greve de fome, a coisa não se limita apenas à greve ou ao gesto de ameaçar com a própria morte. A Igreja do Nordeste está dividida, porque metade dela fica para cima do Rio São Francisco e metade fica para baixo. É inevitável que se dividisse porque uma parte vai ganhar, e a outra talvez até perca. A outra questão é que, obviamente, a história do frei Tito¹⁸ é

¹⁸ **Frei Tito de Alencar Lima** (1945-1974) foi um religioso dominicano nascido em Fortaleza. Envolvido no compromisso político, assumiu a direção da Juventude Estudantil Católica em 1963 e foi morar em Recife. Em outubro de 1968, foi preso por estar participando de um congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes em Ibiúna. Foi fichado pela polícia e tornou-se alvo de perseguição da repressão militar. No início de 1970, Frei Tito foi torturado nos porões da “Operação Bandeirantes”. Em 1971, foi deportado para o Chile e, sob a ameaça de

diferente. Eu estudei a história dele porque usei uma imagem dele nessa peça que eu dirigi. Ele foi torturado durante dois meses pelo Sérgio Paranhos Fleury¹⁹ e ficou louco. Não conseguiu fazer mais nada. Foi para a França e se suicidou lá. A história foi diferente porque ele não fez um gesto de ação. Ele não foi como esse bispo ameaçou ser ou como os suicidas do Oriente Médio fazem, que usam a própria morte como arma política. Frei Tito se matou simplesmente porque não agüentava mais a vida. No caso do bispo, existe um elogio ao martírio, e isso é aquele último empurrãozinho que pessoas em desespero, como o frei Tito, precisam para se matar.

***IHU On-Line* – Qual sua opinião sobre como a imprensa em geral tem se posicionado na cobertura da greve de fome do bispo e da transposição do Rio São Francisco?**

novamente ser preso, fugiu para a Itália. De Roma foi para Paris, onde encontrou refúgio entre os dominicanos. Traumatizado pela tortura que sofreu, Frei Tito submeteu-se a um tratamento psiquiátrico. Seu estado era instável. No dia 10 de agosto de 1974, um morador dos arredores de Lyon, encontrou o corpo de Frei Tito, suspenso por uma corda. Uma foto de Frei Tito de Alencar Lima é a última imagem do documentário *Ato de Fé*, que trata da relação dos frades dominicanos com a Aliança Libertadora Nacional (ALN). O filme foi exibido no dia 19 de maio de 2005, último dia do **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, promovido pelo IHU. Com direção de Alexandre Rampazzo e produção de Tatiana Polastri, o filme já foi comentado nas páginas da *IHU On-Line*, por Amir Labaki na edição 113, de 30 de agosto de 2004, e por Jurandir Freire Costa, na 137ª edição, de 18 de abril de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)
¹⁹**Sérgio Paranhos Fleury**: delegado e torturador do DOPS de São Paulo, na época do regime militar. (Nota da *IHU On-Line*)

Nelson de Sá – Depende de onde vai sair essa minha resposta (risos). eu acredito que grande parte da imprensa, da cobertura feita pela televisão, pelas rádios, pela Internet e pela imprensa escrita, meio que embarcou, no início da história, no louvor ao martírio, porque entrou no mesmo ritmo da crítica que vinha sendo feita ao escândalo político, com uma postura do tipo “vamos continuar batendo...”. Demorou, mas acordaram, daí parou um pouco. Suicídio é um tabu para qualquer jornalista que tenha algum tempo de profissão. Sabemos que não podemos tratar do suicídio como se trata de chacina todo final de semana. Temos que tomar cuidado, porque estudos comprovam que divulgar suicídio afeta pessoas que têm depressão ou coisas do gênero. É preciso tratar isso da maneira mais responsável possível. E não foi feito isso, o que é curioso.

***IHU On-Line* – A imprensa foi irresponsável então nesse sentido?**

Nelson de Sá – É um pouco vago falar de imprensa em geral, até porque eu não acho que a *Folha* tenha sido, mas teve muita gente que embarcou bonito no negócio.

***IHU On-Line* – E como o senhor avalia que a *Folha de S. Paulo* se posicionou até então?**

Nelson de Sá – A *Folha* foi contida dentro do possível com a história, porque também é uma notícia. Mas sem louvor ao martírio, sobretudo nas edições dos últimos dias, tentando tratar tecnicamente do assunto.

Sociólogo vê “novidade” no discurso do bispo

Reproduzimos a matéria que segue, feita por Flávia Marreiro e publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, em 9 de outubro de 2005. Ela entrevistou Antônio Flávio Pierucci, José Oscar Beozzo, Gilmar de Carvalho e Durval Muniz de Albuquerque Jr. sobre o significado da greve de fome de D. Luiz Flávio Cappio.

Mais que uma remissão à história de padres alçados a santos e líderes religiosos no Nordeste, a greve de fome de Dom Luiz Flávio Cappio trouxe à tona elementos novos como o uso do discurso ecológico e a articulação e repercussão do gesto na mídia.

É o que defende o sociólogo Antônio Flávio Pierucci, especialista em religião. “O bispo de Barra, em vez de falar dos pobres, fala do rio. Isso é a novidade, colocar uma causa pelos pobres, tradicional da igreja progressista, associada, imediatamente, em nível de mídia, com a questão ecológica”, diz Pierucci, autor de *O Desencantamento do Mundo* (Editora 34).

Em carta ao governo, um dos principais teólogos do país, Leonardo Boff, comparou a imagem de D. Cappio à força do carisma de frei Damião, capuchinho morto em 1997, o último ícone católico de impacto popular na região.

Para Pierucci, a comparação é apressada. “É muito apressado falar em permanências históricas. Esse gesto do bispo é inteiramente contemporâneo. Toda tentativa de diluí-lo num padrão nordestino de conduta é esvaziar o que tem de originalidade”.

Gilmar de Carvalho, professor da Universidade Federal do Ceará, há 30 anos estudioso da tradição – termo que prefere à cultura popular-, também ressalta o caráter contemporâneo e ecológico no ato de Cappio.

Vê nele, porém, “um novo instante da fala franciscana no Nordeste”: “Ele é um líder religioso. Não abdica dessa

condição, mas a fala dele é política, não é uma fala de salvação”.

Carvalho explica: para ele, Cappio tem como lastro as pregações de missões franciscanas que cruzaram a região desde o século 17, com rígidos discursos morais. São esses pregadores que prepararão as mentes para o que vai ser dito por outros grandes líderes do catolicismo popular, como Antônio Conselheiro, o líder do Arraial de Canudos, e o padre Cícero, de Juazeiro do Norte, no Ceará.

O padre e historiador José Oscar Beozzo, autor de *500 anos de Evangelização no Brasil* (Vozes), diz que foi o alinhamento de D. Cappio à memória desses líderes católicos que atraiu centenas de fiéis à capela em Cabrobó (PE) na última semana.

“Dom Luiz faz uma combinação: reza e canta com o povo, usa linguagem tradicional, caminha como os peregrinos antigos do sertão, mas propõe discurso novo, antecipa essa grande questão mundial que é a posse da água”, diz o padre, citando a formação do bispo na “esquerda” da Igreja.

Tanto Beozzo como Gilmar de Carvalho afirmam que o surgimento dessas lideranças está ligado à miséria e à ausência do Estado no Nordeste aliado à atuação “social” dos religiosos. “Padre Cícero era aliado às elites, aos coronéis, mas queria que as pessoas que chegassem a Juazeiro tivessem um ofício, cedeu terras. Tinha uma preocupação, que era a mesma de dom Cappio: a da convivência com o semi-

árido. Nesse ponto, eles se aproximam”, afirma Carvalho, autor de *Madeira Matriz* (Anablume, 2003), sobre a formação do ícone de padre milagreiro.

Mídia e estereótipo

Para o historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr., um fator tem de ser evidenciado para análise da leva de “romeiros” provocada por D. Cappio: a espetacularização da greve de fome, que foi noticiada ainda mais nas TVs locais do que em rede nacional. “Não é nenhuma demagogia o que ele fez, mas todo o carnaval feito em torno é. É preciso lembrar que Antonio Carlos Magalhães controla TVs na Bahia”.

Para ele, até mesmo a maior porcentagem relativa dos católicos no Nordeste tem um fator midiático de peso: “Há o enraizamento católico, mas há também uma rede de rádios da Igreja no interior. A romaria ao padre Cícero hoje não é motivada só por sentimentos religiosos tradicionais. É um evento de mídia, de turismo. Esses fenômenos têm uma série de elementos novos”. Autor de *A Invenção do Nordeste* (Cortez), Albuquerque diz que a imprensa desconsidera esses novos elementos, como mídia e maior urbanização, e prefere enquadrar a região em quatro temáticas: coronelismo, cangaceirismo, messianismo ou seca.

Para historiador, CNBB se equivocou ao criticar greve de fome de frade

Além do impacto político, a greve de fome de D. Luiz Flávio Cappio acendeu o debate filosófico na Igreja Católica sobre os limites do sacrifício cristão e o ato de arriscar morrer em favor de uma causa.

Para o historiador e padre José Oscar Beozzo, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) cometeu um “equivoco” ao classificar o gesto do bispo de Barra (BA) como “moralmente inaceitável”.

Na última semana, o secretário-geral da CNBB, dom Odilo Scherer, expôs seu argumento: “Não somos senhores de nossa própria vida e não devemos provocar intencionalmente nossa morte, nem por uma boa causa”.

Beozzo rebate: “A moral cristã sempre admitiu”. Ele conta que a igreja canonizou Maximiliano Kolbe, padre polonês que trocou voluntariamente de

lugar com um senhor marcado para morrer de fome.

O sociólogo Antônio Flávio Pierucci concorda: “Como é que a Igreja condena o ato de colocar a vida em risco se toda a história do cristianismo surge com a idéia de martírio?”.

Pierucci emenda: “A cúpula atual da Igreja no Brasil é intelectualmente medíocre. Ninguém esperava mais esse tipo de gesto de impacto da Igreja. O gesto, por essa fenda, mostrou que dentro da hierarquia há surpresas”.

Greve e crise

O sociólogo afirma que a greve de fome – “transgressiva, que deixou todo mundo incomodado” – foi, em si, uma crítica ao momento político atual, “excessivamente pragmático”. “Teria sido ainda mais se tivesse durado mais”, diz. “O Presidente Lula está acostumado

com pessoas que, quando pressionam, o fazem em nome de interesses absolutamente individuais ou de interesses de patotas ou de gangues. E o PT caiu nisso. A greve escapa a essa lógica e mostrou que o governo é ruim de ecologia.”

Ele se lembra do simbolismo do São Francisco: “É um rio que tem o nome

de um santo, quase um ícone do catolicismo. Até entre quem não segue a religião, há uma admiração por Francisco, é quase uma unanimidade. O rio passa por cinco Estados, há uma infinidade de meninos chamados Francisco. Esse rio está inscrito no chão do Nordeste”.

destaques da semana

análise de conjuntura pg. 42

entrevista da semana pg. 38

livro da semana pg. 35

deu nos jornais pg. 55

frases da semana pg. 56

Análise de conjuntura

O intelectual que toma parte

Entrevista com Wanderley Guilherme dos Santos



Na entrevista a seguir, publicada no jornal *Valor*, de 7 de outubro de 2005, o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos, um dos mais presentes no debate sobre o momento brasileiro, diz que a origem da crise atual está no desrespeito às leis não escritas da política. Atualmente, é professor no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, da Universidade Candido Mendes. Dono de uma das mais férteis produções acadêmicas da ciência política brasileira, com 24 títulos publicados (três em parceria) e dois no prelo (*O Ex-Leviatã Brasileiro*

- *Do Voto Disperso ao Clientelismo Concentrado* e *Horizonte do Desejo - Instabilidade, Fracasso Coletivo e Inércia Social*), prepara ainda a edição de dois novos livros: *O Paradoxo de Rousseau - Cartas Democráticas sobre a Vontade Geral* e *O Sistema Eleitoral - Parlamento Brasileiro* (título provisório).

Valor - O país sai melhor ou pior dessa crise?

Wanderley Guilherme dos Santos - O país será melhor em vários aspectos, como na atenção do público no comportamento do Congresso. Pode não durar muito, mas terá impacto na eleição de 2006. Não tenho grande expectativa em relação ao aprimoramento das instituições, porque nada do que está acontecendo tem a ver com elas e sim com um comportamento que deteriora as rotinas tradicionais de um parlamento que funciona com leis escritas, mas também com normas não contratuais.

Valor - De que normas o senhor está falando?

Wanderley - Da tentativa de João Paulo se reeleger, violando uma norma consuetudinária da Câmara. Aquilo foi uma violência, uma violação de norma importante para os partidos e que desembocou na eleição de Severino.

Valor - O apoio à reeleição de João Paulo foi o principal erro?

Wanderley - Foi o segundo. O primeiro e maior deles foi a recusa do presidente Luiz Inácio em aceitar uma coalizão com o PMDB. Lula foi o principal responsável pela necessidade posterior de coligações com esses partidos menores. Todos os partidos, como é de praxe, pedem cargos. Mas uma coisa é uma coalizão de governo com um partido do porte do PMDB ou do PFL, outra coisa é fazer coligação com partidos do porte do PL. Esses partidos não têm projeto de poder e o que obtêm do governo são migalhas. O mercado é comprador e quem faz o preço é o vendedor. Você tem que pagar o preço de quem está vendendo.

Valor - Por que esses partidos são retratados como se tivessem o monopólio do clientelismo?

Wanderley - Há uma parte das demandas desses partidos que é até legítima, as emendas parlamentares. A única maneira de se defender seu eleitorado é colocando emendas ao Orçamento. Não se pode discutir o clientelismo fora do problema do federalismo e da concentração de recursos no Executivo. Um deputado é eleito para prestar serviço. E qual o serviço que ele pode prestar? Não vai pedir que se melhorem as relações com Cuba, vai pedir um posto de saúde. O nível de demanda dos parlamentares reflete o nível de carência dos eleitores. Se o país é majoritariamente pobre, as carências são elementares.

Valor - Então não há política no Brasil fora do clientelismo?

Wanderley - Essa coisa do clientelismo me incomoda. Não consigo ver uma política que não seja clientelista. Qual é a diferença em relação a um deputado que vota a favor ou contra uma alíquota de importação? Esse voto não atende a uma clientela? Quem arruma um posto de saúde é para ter voto. E quem mexe numa alíquota é para ter dinheiro para conseguir votos. A carência de Copacabana é de novo sistema de esgoto. Não é o Cesar Maia ou a Rosinha Garotinho que vão resolver isso. Precisa de uma emenda no Orçamento. Quando se tiver saneamento e escola pública de qualidade no país inteiro, isso vai deixar de ser moeda relevante para os políticos.

Valor - Se o clientelismo é inevitável, então não há o que se reformar no sistema político?

Wanderley - Não há argumento novo nessa discussão. Bate-se palma porque o deputado e o senador norte-americanos defendem encarnadamente o interesse do seu distrito e de seu Estado. E quando você escuta a defesa do voto distrital, o principal argumento é o de que o representante é obrigado a prestar contas ao eleitorado, mas a taxa de cassação de mandato por via eleitoral já é grande no Brasil. Ou seja, a taxa

daqueles que se reapresentam está na média de 35%. Isso significa que o eleitor já sabe cobrar muito bem. Não tem importância que ele não saiba em quem votou na eleição passada. Na próxima, quando o cara se apresentar, o eleitor identifica. "Ah, em você não voto mais." Eu não me lembro em quem votei para deputado federal porque meu voto é estratégico. Posso deixar de votar num fulano se achar que ele já está eleito. Sei de que lado votei, mas não sei em quem.

Valor - Essa montanha de caixa 2 não indica que pelo menos uma reforma eleitoral se faz necessária?

Wanderley - A legislação eleitoral é realmente hipócrita. Os tribunais são obrigados a ser lenientes. Hoje mesmo, o Valor (edição de 26 de setembro) dá a lista de todos os partidos que têm problema com o fundo partidário. São todos corruptos? Não, a lei é que é farisaica. Uma vez que você é obrigado a cometer um ato ilícito para simplesmente fazer alguma coisa que é legítima, abre espaço para outras ilegítimas.

Valor - O que há de mais farisaico na lei?

Wanderley - Cada partido só pode gastar a média do máximo que seu partido declarou que gastaria com cada candidato. E isso é uma fantasia. Vários candidatos o são apenas para catar votos e conseguir eleger deputados porque são raros aqueles que conseguem se eleger com o voto próprio. Eles são eleitos com os votos totais da legenda. Então, vários candidatos não vão gastar nem um décimo daquilo a que teriam direito. Por outro lado, você tem os candidatos efetivamente competitivos, que enfrentam o farisaísmo da lei. Você pode fazer propaganda de TV, comícios, cantadores e tudo o mais. Tudo que você pode fazer exige um gasto que a lei diz que você não pode ter.

Valor - As propostas em discussão tornam a lei ainda mais dura. Isso vai agravar a situação?

Wanderley - Isso é típico do Brasil. Você faz uma lei e ela é violada. Aí você faz outra, pior. Também vai ser violada. A mania de querer fazer uma lei mais dura acaba gerando leniência, porque ninguém cumpre. Todos os partidos políticos deveriam ser cassados. Um comprou até radiador com fundo partidário. Alguém vai aplicar a lei de cassação de partidos? Ninguém. Então, a lei fica desmoralizada. Podem me chamar de cínico, mas só não tem caixa 2 partido que não tem caixa 1.

Valor - O senhor é favorável, então, à elevação dos gastos legais?

Wanderley - Poderia abrir mais o teto, mas deveria ser em tempo real, porque senão o dinheiro entra e ninguém mais sabe que destino teve. Então, você cria a figura misteriosa em todos os partidos, do diretor-financeiro das campanhas.

Valor: E o financiamento público?

Wanderley: Sou contra. Já há financiamento público muito elevado com os horários de TV. Tem ainda os custos permanentes dos tribunais eleitorais, a urna eletrônica, a mobilização de pessoal para trabalhar na eleição, o fundo partidário. Uma eleição sai muito caro.

Valor - Mas a crise por que passa o país não parece se restringir ao financiamento de campanha. O senhor já escreveu que o loteamento do Estado pela corrupção data da Era Vargas, na ampliação da prestação de serviços sociais pelo Estado. Por que o PT tem gerido de forma tão desastrosa esses interesses?

Wanderley - Vamos à premissa. Li cuidadosamente as denúncias apresentadas pela CPI dos Correios. Não vi nada comprovado até agora no que diz respeito a essa acusação. Face ao volume e à magnitude das denúncias, as provas são esqueléticas. O PSDB e o PFL

controlaram ideologicamente a CPI com a tese de que o PT organizou um aparato sistêmico de corrupção para desviar recursos públicos de empresas públicas com vistas ao financiamento de sua permanência no poder. Isso não se prova com o senhor Marinho, do PTB, recebendo propina e tampouco com o Jefferson confessando que pediu ao seu indicado para o IRB que conseguisse recursos de empresas privadas para o PTB.

Valor - Mas já há evidências claras de tráfico de influência...

Wanderley - Pode ter ocorrido, mas vão ter que provar. Tenho um dossiê da CPI com a data do dia em que, na TV, o deputado Carlos Sampaio (PSDB-SP) disse à dona Renilda (mulher de Marcos Valério) que tinha visto e estava na CPI um cheque nominal assinado por ela contra o Banco Rural, agência de Brasília. Ela disse: "Não tenho conta nem nunca tive no Banco Rural." Ele respondeu: "Pois eu tenho esse cheque. Posso até mandar buscar." Mas nunca mais se falou no assunto. Ele é um dos sub-relatores. Tenho o dia em que o senhor Osmar Serraglio (PMDB-PR) foi ao "Roda Viva" e disse que a segunda lista entregue pelo Marcos Valério era uma bomba. E a lista não se confirmou. Estão se comportando de maneira irresponsável e leviana. Não vi até agora que o PT tenha realizado uma distribuição de nichos no Estado diferente da que tenha havido anteriormente.

Valor - O senhor não vê no imbricamento dos interesses sindicalistas do PT com os fundos de pensão uma porta aberta à corrupção?

Wanderley - Não há provas dessa acusação. O que o PT fez foi sua parte de agência de emprego. Todos os partidos, quando chegam ao poder, têm uma faceta de agência de emprego. A clientela procurando emprego no PT é de sindicalistas. Se fossem médicos ou

advogados, ninguém estaria prestando atenção. Tenho muitos amigos que se empregaram por meio do PSDB. Outra coisa é a ação dessas pessoas nesses lugares. Num fundo de pensão, não são duas pessoas que tomam decisões. Não digo que não existam irregularidades, mas são instituições muito complexas.

Valor - Limitar o número de cargos não ajuda?

Wanderley - Em todas as estatais, o cargo de presidente deveria ser apresentado pela empresa em lista tríplice ao ministro. Se o ministro não aprovar, apresenta-a ao Congresso junto com seus indicados. Os parlamentares julgam as duas listas. O Executivo não deve impor. A empresa deve ser submetida a um poder político constituído e que foi eleito para dar as diretrizes. No caso de algum conflito, recorre-se ao Congresso. Não é ilegítimo o Executivo fazer nomeações. O governo é eleito para isso. Tenho um livro sobre a elite burocrática brasileira de 1945 até meados da década de 70. Acompanhei 67 estatais - quem entrou e quem saiu e se esta movimentação tinha a ver com mudança de presidente e de maiorias parlamentares. Você tem claramente os órgãos que estão expostos -LBA, DNOCS, CHESF . Nas outras empresas, como a Petrobras, as siderúrgicas, não tem isso. Até por conta dos interesses que estão em volta. Ninguém compromete os interesses privados que dependem da atuação dessas empresas.

Valor - Com a redemocratização, as grandes estatais não ficaram sob mais pressão política?

Wanderley: O cargo de presidente sempre foi político, mas essas organizações têm uma divisão de trabalho extremamente complexa. E essa burocracia resiste. O PT não elegeu seus sindicalistas para colocar a mão nas estatais. Não foi assim com FHC e não será com ninguém.

Valor - Uma das poucas provas materiais é o carro dado pelo GDK ao ex-secretário-geral do PT. Os contratos dessa empresa com a Petrobras estão sob a suspeição do TCU. Isso não vale?

Wanderley - O carro não foi de graça. Alguma coisa ele fez. Outra coisa é saber se foi eficiente o que ele fez e se a operação prejudicou seu competidor ou se prejudicou a empresa. No capitalismo moderno não há grande empresário ou grande empresa que não tente alguma vantagem, mas não é para fraudar o erário, não é que não tenha competência para fazer. Ao que eu li, era uma das grandes especialistas nesse tipo de coisa. Isso é guerra entre competidores. De repente, os dois oferecem a mesma coisa, vem o outro oferece uma bolinha e leva. São raros os segmentos brasileiros em que você não tem um cartel. A briga é muito suja. A origem disso não é uma indicação política aqui ou ali.

Valor - Mas o PT não se elegeu com o discurso de que combateria essas práticas?

Wanderle - O PT usou caixa 2 adoidadamente, não só para seus candidatos como os da base aliada. Daí a inferir que isso é parte de um plano pré-concebido para ocupar o aparelho de Estado e extrair recursos das empresas públicas e financiar a permanência do PT no poder há uma distância enorme. Como vai ficar a oposição se não provarem nada? Você sabe como é que o "Jornal Nacional" se refere aos parlamentares? "Os 16 acusados de corrupção". Eles não são acusados de corrupção. O primeiro relatório da CPI dos Correios tem as denúncias de recebimento ilícito. A partir daí, faz especulação de esquemas. Depois pega uma lista de nomes. A nenhum desses é atribuído qualquer crime. Não há acusação individual, nem coletiva.

Valor - A imprensa não é um reflexo da moral da classe média?

Wanderley - A imprensa não reflete. Cria e alimenta. Tem uma parte da classe média que é assim mesmo. Não é assim o taxista com quem eu viajava tempos atrás e que não pensava isso. Agora ele acha que todo mundo é ladrão. Ele leu isso onde? Ouviu isso onde?

Valor - Se a opinião pública estivesse tão alheia a esses exageros, o Congresso não teria uma imagem melhor? Há um desgaste muito significativo na imagem do Parlamento ou sempre foi assim?

Wanderley - O que acontece hoje é que a elite do Congresso abriu mão de liderar o processo político num período crítico. O processo tem sido conduzido pelo baixo clero. E são eles que estão dando as cartas e perguntam: "O senhor conhece a cafetina Fulana de tal?" Ou então: "O senhor é um quadrilheiro?" Isso não se faz.

Valor - Isso não pode ser atribuído à falta de interlocução entre o Executivo e o Legislativo, como havia no governo anterior?

Wanderley - Pode ser que a desorganização do PT esteja provocando várias seqüelas fora do PT. A oposição não tem com quem dialogar. Não há intérprete autorizado pelo governo.

Valor - Na origem do PT não há um mal-estar com a democracia que explica esses equívocos na condução do governo?

Wanderley: O PT nasceu contra a política, além de anti-Estado. O Estado que eles conheceram foi o Estado policial, torturador, repressor, que prende, arrebenta, mata e esconde. Então, o PT surgiu contra a política. Daí vem a participação patética e ingênua de seu primeiro grupo de parlamentares. Estavam lá com o principal objetivo de acabar com o próprio parlamento. Não votaram a Constituição. Até aprender que a política era a via real e possível para progredir, levou tempo. Quando

começaram a descobrir, iniciou-se a disputa interna sobre os fins. A política, tudo bem, mas para quê? Isso dura até hoje.

Valor - Isso está na base da truculência política do partido?

Wanderley: Não é exclusividade do PT. A política paulista sempre foi muito truculenta - Quércia, Maluf, Fleury.

Valor - E de onde vem essa truculência, da prevalência do poder econômico?

Wanderley - A relação com o adversário é uma relação de inimigo. Isso é histórico dentro da política paulista. Ao contrário da política mineira, a política paulista sempre foi muito bruta. Com poucas exceções, como Carvalho Pinto e Mário Covas, políticos com outro estilo. Truculentos são Sérgio Motta, José Serra.

Valor - E Fernando Henrique Cardoso?

Wanderley - Não, mas ele é uma exceção dentro do partido. Até mesmo Suplicy, com sua voz macia, é truculento.

Valor - Isso, por causa de sua adesão à CPI, depois de ter assumido o compromisso de se opor?

Wanderley - Esse e vários outros motivos. Ele passa por cima de acordos se for do seu interesse.

Valo -: A adesão permanente a propostas de reforma política também não revela o mal-estar com as regras do jogo?

Wanderley - Há uma tradição na política brasileira, desde 1945, de pessoas favoráveis à reformulação do sistema partidário e do sistema de governo e do sistema eleitoral. É uma corrente de opinião. Não tem raiz geográfica nem ideológica. É uma visão oligarquizante da política. A invasão da arena pública pelos milhões de eleitores elevou a competição eleitoral a níveis nunca vistos.

Valor - O senhor está falando da incorporação do voto do analfabeto?

Wanderley - Não, isso aconteceu sobretudo no período ditatorial. Tivemos uma ditadura rotativa, elegia-se um novo ditador a cada quatro anos e renovava-se o Congresso. Não tem exemplo igual no mundo. Durante esse período ditatorial, o MDB começou a criar diretórios Brasil afora e pegou gente que era qualificada para ser eleitor, mas não votava, e começou a registrar. A Arena foi atrás. Então, houve as maiores taxas de conversão de cidadãos em eleitores. Esse impacto aparece pela primeira vez em 1974, com a lavagem que o governo levou. Então, começa o susto da transformação do Brasil em uma democracia de massas eleitoral, que tem que ser disputada.

Valor - No início dessa crise, dizia-se que este governo não podia fracassar porque isso levará ao populismo. Por que esse cenário não está se confirmando?

Wanderley - Não acho que o Garotinho seja capaz de ganhar, mas acho que é um fator importante para decidir quem vai ganhar a eleição. Se Lula for candidato e Garotinho também, a possibilidade de Lula ganhar no segundo turno é líquida e certa. O PSDB e o PFL vão fazer o que puderem, até no Judiciário, para evitar que Garotinho seja candidato.

Valor - Vem aí uma onda conservadora?

Wanderley - Acho que programas como o Bolsa-Família ou o Crédito Pré-consignado são irreversíveis, seja qual for o eleito. Mas há um longo caminho, porque os ricos brasileiros, grosso modo, não precisam que os pobres deixem de ser pobres. Reduzir a desigualdade não é necessariamente obrigatório. Porque se 20% da população ficam com 80% do PIB, são 36 milhões de pessoas com uma

renda per capita de quase US\$ 30 mil. Isso é um mercado interno maior que o sueco, dinamarquês e holandês, somados. Dá suficiente dinamismo à acumulação capitalista. Se for transformado, tudo bem, mas não é estratégico. Precisa de um partido que queira fazer isso. Por isso o PT é importante. O PFL não vai fazer. Não acho que o PSDB quebre lanças para fazer isso. Só o fará num ritmo que não tenha grande custo político, como este que o PT enfrenta agora.

Valo -: Qual o futuro do PT sob maior influência da esquerda do partido?

Wanderley - O grande problema da esquerda é não se ter dado conta DE que não há ruptura possível. O Orçamento brasileiro, como todo orçamento moderno, tem uma pequena sobra para investimentos. É nessa sobra que se pode atuar, a não ser que pensem num governo revolucionário absolutamente maluco. Até Lenin manteve a máquina do Estado cesarista.

Valor - Mas na pressão sobre a política econômica eles não estão isolados...

Wanderley - A política está errada por premissas como a do desconhecimento do potencial de crescimento da economia. Não temos censo industrial nem agrícola, há mais de 15 anos. Daí, imagina-se que qualquer demanda que se faça acima do que a economia é capaz de produzir gera inflação. Essa cautela absurda é que fundamenta esses juros. E a impressão que se tem é que não vai ter esse caos, porque a economia tem capacidade instalada, resultado de uma política de importação de bens de capital de quase 15 anos. A premissa é obsoleta. E o pior é que acabam de cancelar o novo censo. Isso sim é que é uma estupidez.

Entrevista da semana

O poder de se comunicar furiosamente

Entrevista com Antonio Negri



Antonio Negri, considerado o grande pensador da nova esquerda, vê a globalização como uma arma do povo, celebra a Multidão sem fronteiras e diz que Lula "vencerá". Ele faz essas e outras declarações na entrevista a seguir, concedida ao jornalista Carlos Marchi, e publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 9 de outubro de 2005.

Entre o público e o privado, o filósofo italiano Antonio Negri fica com o comum, o espaço onde se mobiliza e se movimenta a Multidão. Considerado o grande pensador da nova esquerda mundial, Negri afirmou, em entrevista exclusiva ao *Estado*, que o terceiro mundo não está mais ao Sul do Equador, mas em todo lugar, inclusive nos países desenvolvidos. "O furacão nos mostrou essa realidade monstruosa: ele está em New Orleans". O filósofo-coqueluche da Europa diz que o mundo globalizado do século 21 está, afinal, unificado, mas movido por dois vetores que se confrontam e se complementam, como yin e yang: de um lado, o Império e, de outro, a Multidão.

A globalização gerou o Império, o sistema que controla a produção e o fluxo econômico, mas também abriu as fronteiras nacionais e mundializou as relações pessoais, gerando a Multidão, a nova revolução das pessoas que se comunicam furiosamente, fora do controle de qualquer Estado, sem o estímulo das velhas ideologias e sem as limitações das fronteiras nacionais, que caminham para a extinção. Antonio Negri, 72 anos, inventor do Potere Operaio, exilado por 16 anos na França e preso por 6 na Itália - e que chega ao Brasil no dia 22 de outubro - diz que assim é o mundo novo.

"Estou convencido de que é o comum que nos permite ampliar as liberdades", afirma ele, quebrando pilares centenários da velha esquerda que já perfilhou com ardor e pregando um novo pensamento comunitário: "A Multidão não é revolucionária", agrega, "mas ela pode

construir uma consciência de transformações profundas”. Com o americano Michael Hardt, da Universidade de Harvard, ele é autor dos dois livros mais instigantes dos últimos anos: *Império*, que conceituou o sistema de dominação consolidado pela globalização; e agora *Multidão*²⁰ (Editora Record), que será lançado dia 24, no Rio, e que explica o efeito das comunicações globais sobre a Multidão, a grande “assembléia-geral mundial” do século atual.

Negri defende o Presidente Lula à direita e à esquerda. Diz que o presidente brasileiro é “muito melhor” que a esquerda cega que ainda se agarra a conceitos superados, como imperialismo e colonialismo. Ele não se assusta com os escândalos na base parlamentar do governo e diz que “democracia representativa é isto mesmo”. Põe ênfase na voz e dá um cheque em branco a Lula: “É provavelmente o menos corrupto de todos os governantes que conheço”. Por fim, afirma que Lula rompeu as regras da globalização quando fechou as contas do FMI e ao estabelecer linhas de relacionamento Sul-Sul - e que isso trouxe repercussões globais.

Para completar as marteladas na esquerda, Negri detona a velha e sacrossanta classe operária: diz que ela é “fechada sobre si mesma”, foi organizada pelo capital, excluiu os pobres e as mulheres e atua “dentro de um conceito diretamente produtivo”. A Multidão, observa com fê, é mais abrangente: inclui mulheres, pobres, imigrantes, e compreende todos aqueles que produzem no terreno social, e não somente sobre o terreno industrial. “Esta é a grande diferença”, comemora.

Negri decreta que o século americano acabou e que o presidente George Bush não conseguiu fazer com que a guerra se tornasse um elemento de legitimação do Império. “Hoje a guerra continua na agenda deles, mas a resistência da Multidão os impediu e continuará impedindo”. Esse filósofo cáustico, que desafia a lógica do marxismo e navega num zênite original, criando novas âncoras do pensamento social, cultivou a ira do Fórum Social Mundial ao pregar que a esquerda não podia ignorar ou combater a globalização. A globalização, alega, é irreversível. Ela existe e, mais que existir, pode se transformar em arma do povo reunido na Multidão. Eis a entrevista:

²⁰ O título original da obra é *Multitude. Guerre et démocratie à l'âge de l'empire*. Paris: Découverte, 2004 (Nota da *IHU On-Line*)

Em 2003, quando veio ao Brasil, o senhor disse ter a impressão de que Lula estaria aceitando as regras da globalização. Dois anos depois, o que pensa a respeito?

Hoje eu estou convencido de que Lula tem sido capaz de romper as regras da globalização. Lula e o governo brasileiro têm sido capazes de uma operação que raramente - e só muito raramente - foi possível a governos de grandes países, no âmbito da globalização. Estou falando do rompimento com o estatuto da dependência. Isso se deu através de duas operações fundamentais. De um lado, o acerto de contas com o FMI; de outro, a abertura, extremamente importante, de uma linha Sul-Sul. Portanto, as operações feitas por Lula inventaram uma novidade, ao quebrarem a centralização que o unilateralismo americano impunha à globalização. Esses são dois êxitos de importância global, e sua relevância internacional é muito maior do que os ganhos que o Brasil auferiu com elas.

O Brasil vive, há quatro meses, sob um enorme escândalo político na base parlamentar do PT e do governo. Isso é um sinal de decadência da esquerda ou da democracia representativa?

(Ri) Trata-se da revelação da natureza da democracia representativa, que, como os estudiosos sabem, foi fundada sobre regras de corrupção. Essas regras da corrupção são inevitáveis no âmbito de um sistema que, em vez de representar os interesses das massas - alguém diria populares, mas eu uso pouco essa adjetivação, prefiro dizer dos interesses da Multidão - dentro do governo, faz com que elas se manifestem através de uma representação, que inclui uma expropriação do poder na

representação política, uma forma de representação que foi inventada há muitos séculos. Desde o nascimento do sistema capitalista, essa representação se mostrou muito útil aos interesses do desenvolvimento capitalista, porque se baseia numa série de referências de poder estranhas ao Parlamento, como o poder da mídia e das empresas multinacionais. Desse ponto de vista, vejo o governo democrático de Lula provavelmente como um dos menos corruptos entre todos os que eu conheço, do governo americano de (George W.) Bush ao governo italiano de Silvio Berlusconi. Não consigo entender por que a indignação pôde chegar a níveis tão altos.

Esse escândalo dificulta a trajetória da esquerda no Brasil e na América Latina?

No livro que publico agora com Giuseppe Cocco, *Global - Biopoder e luta numa América Latina globalizada*, critico a esquerda latino-americana, essa esquerda que ainda se prende a conceitos de dependência, e que não é a esquerda de Lula. Por causa da sua total incompreensão sobre os reais problemas da globalização, diria que é uma esquerda cega, que reproduz, no que diz respeito às formas de transformação no Brasil, um antigo esquema eurocêntrico. É uma esquerda que, presa aos conceitos de imperialismo e do colonialismo, nunca entendeu os grandes processos da globalização e da modernização. Lula é enormemente superior a essa esquerda.

Por que a esquerda, em geral, tem uma dificuldade colossal de administrar o poder com democracia?

Não diria que a esquerda tem uma dificuldade colossal em administrar o poder com democracia. Ela tem seguido, isso sim, os velhos critérios da democracia burguesa representativa. Insisto, não consigo entender a indignação de vocês no Brasil. Na Itália,

temos um patrão. A pessoa mais rica do país é o dono do Estado e, ao mesmo tempo, da televisão e dos jornais. Por isso, não consigo entender a indignação de vocês. Vocês têm de entender que democracia é isto mesmo, e não uma outra coisa. É um sistema de representação que delega poder a alguns indivíduos mais ou menos corruptos. Lula é o menos corrupto de todos aqueles que estão no poder. O seu grande defeito foi confiar na democracia e não usar, como faz (o primeiro-ministro Silvio) Berlusconi, operações financeiras para dominar o capital dos grandes jornais.

Mas Lula bem que tentou aprovar leis para controlar a imprensa.

A ingenuidade de Lula foi, governando neste regime, não criar condicionantes para as grandes cadeias de televisão e a mídia. Ele precisa ser realista nisto. Eu sou completamente maquiavélico. O poder é o que é, essa imundície na qual estamos mergulhados, mas que, de qualquer forma, precisamos controlar.

O senhor acha que Lula fez avançar as conquistas da esquerda na América Latina?

Eu acredito que a democracia latino-americana conquistada através de Lula é irreversível. Lula vencerá. Vencerá! E eu espero que, no próximo governo, ele consiga mobilizar os movimentos sociais por dentro e não simplesmente atrelá-los ao governo. Eu penso que as grandes forças sociais, e sobretudo as grandes forças sociais da Multidão, populares, étnicas, possam movimentar-se dentro do âmbito do governo. Eu espero que tudo isso venha a acontecer no novo mandato que Lula terá. E quando estiver no Brasil insistirei, onde quer que seja, e sempre, sobre este tema. Lula não é um ditador, nem é um corrupto, é um homem que conseguiu construir uma nova idéia de democracia para a América Latina inteira. É o único que trouxe uma proposta renovadora e a apresentou em condições realistas, começando por um

nível mundial, um nível global. Ora, esta burguesia brasileira, que esfacelou o País e que, também, destruiu, em vários momentos, a capacidade de governar de alguns de seus melhores quadros, agora é quem se indigna, querendo retomar o governo. O que seria esse governo da burguesia senão corrupção, organizada para obstaculizar a renovação e favorecer o seu próprio bolso?

O senhor disse que lançará, no Brasil, em parceria do professor Giuseppe Cocco, um livro sobre os efeitos da Multidão nos países em desenvolvimento. Como se formará e se manifestará a Multidão nesses países?

Falar hoje de "países em desenvolvimento" é já muito reduutivo. Nos EUA, por exemplo, New Orleans passou a ser um país em desenvolvimento. O tufão revelou essa realidade monstruosa - o terceiro mundo está em qualquer lugar. Você pode encontrá-lo em Los Angeles, em New Orleans, na periferia parisiense e em todos os países desenvolvidos. Hoje a discussão sobre o mundo em desenvolvimento é um problema de cada governo e este problema revela a natureza da esquerda ou da direita: a direita finge não vê-lo, a esquerda o considera. A esquerda que vale a pena, a esquerda necessária o tem na conta de primeiro problema a resolver. Mas se você disser tudo isso a grupos dirigentes do primeiro e do terceiro mundos, vai parecer incorrer em total contradição. Porque para muitos governantes esses problemas não existem. Uma das coisas mais características da globalização é justamente a generalização e a homogeneização desses problemas. O MST não existe apenas no Brasil, existe em vários lugares, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Em todos os lugares há uma aspiração de toda uma população a se tornar cidadã.

Como funciona a evolução das massas nos países em desenvolvimento?

Esta é uma pergunta de um milhão de dólares... (ri) Há quem dê a esta pergunta a resposta do islamismo, isto é, "tomemos o petróleo". Mas existem outras respostas bem mais sérias. Há aqueles que dizem: precisa haver igualdade. Precisa haver igualdade. E, uma vez que o novo modo de produção se baseia essencialmente em formação e informação, é necessário construir meios formadores e informáticos que sejam comuns, isto é, é preciso construir escolas e grandes redes de comunicação, os meios que nos permitem viver e produzir, renovar e aumentar a nossa riqueza. Esses são os projetos em torno dos quais podemos desenvolver e construir realidades comuns, deixando as privatizações de lado. Deixar de privatizar, não para tolher a liberdade - não é verdade que as coisas privadas garantam a liberdade. E digo mais: nem mesmo o regime público nos permite ampliar a liberdade. Eu estou convencido que o comum é que nos permite ampliar a liberdade. E este comum é a Multidão, que é a resposta à sua pergunta. Em nossa civilização, nós fazemos três quartos das coisas do nosso cotidiano sem a presença do Estado. São coisas que fazemos dentro do patamar de liberdade das relações que estabelecemos entre nós. E a riqueza disso está na abundância das nossas relações sociais. Isto é o que importa: o comum. O comum é a coisa mais simples e bem repartida que existe no mundo, são as ruas, as escolas, os idiomas, todas as coisas de que nem sempre nos damos conta, mas que devemos administrar no nosso dia-a-dia.

Há dois anos o senhor disse que era preciso impedir que a guerra se tornasse um elemento de

legitimação do Império. Depois de dois anos, a situação piorou?

Não, não piorou. A guerra não se tornou um elemento de legitimação do Império. Ou melhor, as forças unilaterais, os americanos, pensaram em legitimar o Império, ou o seu domínio sobre o Império, usando a guerra. Mas perderam a guerra, Bush perdeu a guerra. Hoje a guerra continua na agenda deles, mas a resistência da Multidão os impediu e continuará impedindo.

Como será a sociedade global que emergirá da Multidão?

Isso eu não sei, não sou um profeta. Para mim a Multidão é simplesmente uma definição daquela que é a realidade atual das classes produtivas no mundo. Não escrevi o manifesto do partido comunista global. Eu nunca disse que a Multidão, enquanto tal, é revolucionária. A Multidão não é revolucionária, mas também digo uma outra coisa: que ela, a Multidão, pode construir uma consciência de transformação profunda. Porque o conceito é este, não podemos confundir a realidade das transformações do mundo com a ilusão de uma mudança. As transformações já começaram a acontecer.

Qual a diferença entre classe operária e multidão? E entre população e multidão?

A classe operária é uma classe fechada sobre si mesma, organizada pelo capital, exclui os pobres, exclui as mulheres, em boa parte, e atua dentro de um conceito diretamente produtivo, a nível do sistema industrial. A Multidão inclui as mulheres, os pobres, os imigrantes; compreende todos aqueles que produzem no terreno social, e não mais simplesmente sobre o terreno industrial. Esta é a grande diferença. Se existe alguma diferença da Multidão com as populações - e neste ponto eu preciso explicar bem - é quanto às populações nacionais. Hoje, um

discurso dirigido objetivamente para as populações nacionais não é mais possível. Os fenômenos migratórios são enormes e modificam, miscigenam, transformam as populações em, praticamente, todos os países do mundo.

Em seu livro *Multidão*, há interessante discussão sobre a legitimação da violência. Não seria mais correto dizer que nenhuma violência pode ser legítima entre homens e nações?

Não há no livro a legitimação da violência, eu digo simplesmente que a violência é uma coisa normal. E me parece completamente banal que, em países como o Brasil - onde não sei bem qual o percentual de pessoas que são assassinadas por ano, parece um percentual muito alto, a despeito da grande quantidade de habitantes do Brasil -, se diga que a violência não existe.

No começo do livro, o senhor diz que a possibilidade de fazer a democracia global acontece agora pela primeira vez. Como se fará essa democracia? Ela será feita, a seu juízo, por uma revolução lenta, um processo gradual?

O mundo está finalmente unificado e que a mundialização que experimentamos hoje é profundamente diversa daquela que o capitalismo conheceu a partir do século 16. Em primeiro lugar porque hoje os fluxos de informações, de finanças, de comandos e o político cruzam o mundo de maneira mais ou menos homogênea. A isso corresponde uma série de movimentos de informação, de mobilidade, de conhecimento e de inovações a que se coligam aqueles que são verdadeiramente produtivos. Isto é, não se produz mais apenas na fábrica da periferia de São Paulo. Hoje se produz no mundo todo, através da informação. A riqueza não é mais uma coisa produzida em um lugar, mas em

espaços que são sempre definidos de maneira nova e diversificada.

Como a Multidão pode tirar proveito da globalização?

Quando eu falo de globalização e da Multidão, estou falando de uma nova organização do espaço e do tempo. A primeira questão é compreender a capacidade desestabilizadora, de ruptura, da velha estrutura moderna do poder. Os velhos governos não agüentam mais. O governo Lula foi extremamente importante porque mexeu nesse terreno. Seja como for, o governo Lula tem sido infinitamente mais inteligente do que foi o governo de outro grande personagem, Fernando Henrique Cardoso, que se movimentou apenas sobre uma questão nacional. Este é o problema. Quando dizem, por exemplo, que Lula não fez senão realizar as coisas que Cardoso havia intuído, de um certo ponto de vista isto é verdade. Mas de outro ponto de vista, soa falso, porque Lula jogou o seu poder sobre o nível global e não simplesmente na hipótese da revalorização monetária ou da invenção do Real. Esta foi uma diferença extremamente importante.

Como se fará o processo de formação da consciência das pessoas que farão a revolução da Multidão?

Eu não sei. A propósito, uma coisa que tenho notado na Europa é que a febre das privatizações passou completamente. Recorrer ao Estado é a maneira mais antiga, mais velha, além de ser própria das posições políticas hegemônicas. É o eterno jogo entre o público e o privado, entre a apropriação individualista, do individualismo possessivo, e a entrega ao Estado da defesa dos próprios interesses. Veja, são coisas que não me agradam, porque, na realidade, entre elas existe o comum. Hoje (terça-feira passada), aqui em Paris, onde estou, há uma grande greve geral dos trabalhadores, não sai um

trem de metrô, as lojas estão todas fechadas. Nós, a Multidão, já nos reconhecemos como uma comunidade verdadeira e não queremos mais ter patrões. Não é que exista, no coração dessa comunidade, a igualdade chata e brutal dos sistemas totalitários, mas também não pode ser objeto de discussão que, quando saímos à rua, nós precisamos usar um meio público - e eles não podem ser paralisados. O conceito de segurança, pois, é um conceito onde tudo é medido pela satisfação e desejo dos cidadãos, e não pode ser tomado, apenas sob o ângulo da defesa contra o terrorismo. São mistificações horríveis.

Se mais adiante o Império descobrir fórmulas insuperáveis para controlar a internet, a revolução da Multidão se exaure, estará abortada?

Eu não sei. No momento, o que tem me divertido muito é o fato de que a Europa quer tirar dos EUA o controle da rede. Como você sabe, hoje a rede é controlada pelos EUA de maneira absolutamente monopolística. Mas, por hipótese, hoje é a Europa quem quer assumir esse controle, amanhã pode ser

que o Brasil queira. E provavelmente haverá tentativas da parte de uma cadeia de Estados do Sul, a África, a Índia e a China. Entende? Esta coisa é extremamente importante: o século americano acabou.

A Multidão poderá resgatar o conceito de sobriedade, digamos, em relação ao consumo?

Nesta questão eu sou muito cauteloso. Nunca fui um anticonsumista. Creio que muitas vezes o anticonsumismo foi imposto, de uma maneira dura, às populações. Penso que existem níveis de consumo necessários à reprodução da vida e ao enriquecimento do saber que são absolutamente fundamentais. Eles não podem, de nenhuma forma, ser reduzidos a um estado de subconsumo.

Refiro-me a um consumo mais crítico, e não ao consumo mecânico.

Sobre isso estamos completamente de acordo, mas por outro lado, você sabe muito bem que, ao cabo, qualquer posição anticonsumista acaba sendo tomada como uma posição anti-capitalista.

livro da semana

ANTUNES, Ricardo. *O caracol e sua concha. Ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005, 136 páginas

Desaparição ou vitalidade?

Por Marcio Pochmann

Reproduzimos o artigo a seguir, de autoria de Marcio Pochmann, economista e professor da Universidade de Campinas. Ele comenta o livro do sociólogo Ricardo Antunes, coleção de ensaios que discute a morfologia do trabalho. O artigo foi publicado no *Jornal do Brasil*, de 1º de outubro de 2005.

Em meio à truculência dos últimos suspiros do regime militar e à emergência sindical protagonizada

por Lula a partir do ABC paulista, o jovem professor Ricardo Antunes publicou, em 1980, *O que é*

sindicalismo, chamando a atenção para o fato de que "a conquista da democracia pela classe operária exige, pois, mais que as puras liberdades formais. Implica, isto sim, um projeto econômico alternativo que vise, de imediato, o fim da superexploração do trabalho e onde os produtos do trabalho operário se revertam também em seu próprio benefício". Naquela oportunidade, a sua obra, que alcançou várias edições, era parte integrante da profícua coleção Primeiros Passos da editora Brasiliense e que, de certa forma, correspondeu também aos primeiros passos do sucesso de um dos principais intelectuais brasileiros da atualidade.

Ao ter por referência o apoio de verdadeiros mestres da sociologia nacional, como os professores Maurício Tragtenberg²¹ e Octávio Ianni²², Ricardo Antunes conseguiu, rápido e consideravelmente, avançar nos estudos acerca da complexidade do mundo do trabalho e suas contínuas transformações sob o modo de produção capitalista. Obteve, com isso, mais do que respeito e destaque da comunidade

²¹ **Maurício Tragtenberg** (1929-1998): grande estudioso e autodidata brasileiro, que pesquisou, estudou e escreveu sobre Max Weber, durante sua vida, encerrada em 1998. Tragtenberg escreveu diversos artigos sobre Weber. Ele é autor de *Planificação: Desafio do século XX*. São Paulo: Senzala, 1967; *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática, 1974; e *Administração, poder e ideologia*. São Paulo: Moraes, 1980. (Nota da *IHU On-Line*)

²² **Octávio Ianni**: sociólogo brasileiro e um dos fundadores do Cebrap. Aposentado compulsoriamente, teve seus direitos políticos cassados pelo AI-5 em 1969. Somente voltou a lecionar no Brasil em 1977, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Unicamp. Em suas pesquisas, especializou-se na análise do populismo e do imperialismo. É autor de várias obras, entre as quais *Estado e capitalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1965. (Nota da *IHU On-Line*)

acadêmica nacional e internacional, pois imediatamente tornou-se responsável pela formação de inúmeros alunos, mestres e doutores no âmbito das ciências sociais, bem como obteve importante engajamento na socialização do conhecimento entre os movimentos voltados à emancipação dos pobres e oprimidos deste país.

Agora, pela editora Boitempo, o professor Antunes apresenta uma obra madura e contemporânea do nosso tempo. O livro em questão, que tem o sugestivo título *O caracol e sua concha*, resulta de um articulado e integrado conjunto de ensaios acerca do que o próprio Antunes descreve - de forma simples e objetiva - como sendo uma nova morfologia do trabalho.

Em realidade, o conteúdo de sua mais nova obra representa, ao meu ver, não apenas um grande esforço intelectual de um dos mais geniais estudiosos da sociedade do trabalho da atualidade, mas a sofisticada e criativa reafirmação de uma robusta vertente alternativa à convencional interpretação sobre a crise das sociedades do trabalho.

Nesta mesma linha de pensamento encontram-se pesos pesados da intelectualidade eurocentrista contemporânea, tais como André Gorz²³, Claus Offe²⁴, Jürgen

²³ **André Gorz** é austríaco, mas vive na França desde 1948. É autor de 16 livros dos quais vários traduzidos para o português, entre eles *Adeus ao proletariado*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, *Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica*. São Paulo: Annablume, 2003; e *Misérias do Presente, Riqueza do Possível*, São Paulo: Annablume, 2004. Realizamos uma entrevista com André Gorz, publicada parcialmente na 129ª edição da revista *IHU On-Line*, de janeiro de 2005, e na íntegra no número 31 dos *Cadernos IHU Idéias*, com o título *A crise e o êxodo da sociedade salarial*. Sobre André Gorz também pode ser lido o texto Pelo êxodo da sociedade salarial. *A evolução do*

Habermas²⁵, Dominique Meda²⁶, entre outros. Todos, de uma maneira geral, exploram - cada um a sua maneira - a hipótese da desaparecimento do trabalho como lugar comum, seja pela referência à perda de centralidade do trabalho, seja pela desconstrução do trabalho como categoria sociológica-chave, seja pelo determinismo tecnológico que forja a concepção do fim do trabalho.

De outra parte, na companhia de intelectuais não menos expressivos, como Robert Castel²⁷, Alain Touraine²⁸ e István Mészáros²⁹, o maduro professor Antunes reforça, neste seu mais novo livro, o que se poderia reconhecer como uma importante peça que integra -a meu juízo - uma trilogia fundamental

conceito de trabalho em André Gorz, de André Langer, pesquisador do Cepat. O texto está publicado nos *Cadernos IHU* n.º 5, de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ **Claus Offe**: sociólogo político alemão e professor na Universidade de Humboldt, de Berlim, Alemanha. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ **Jürgen Habermas**: Crítico da doutrina positivista e da ideologia dela resultante, o tecnicismo, o filósofo alemão Jürgen Habermas é um dos mais ilustres representantes da segunda geração da Escola de Frankfurt. Foi colaborador de Adorno no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Em 1971, Habermas dirigiu o Instituto Max-Planck em Starnberg, Baviera. Em 1983, transferiu-se para a Universidade Johan Wolfgang Goethe, de Frankfurt. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ **Dominique Meda**: filósofa e socióloga do trabalho, autora dos livros *Le travail. Une valeur em voie de disparation*. Paris: Aubier, 1998; *Qu'est-ce que la richesse?* Paris: Aubier, 1999; *Le temps des femmes. Pour un nouveau partage des rôles*. Paris: Flammarion, 2001. *Le travail non qualifié*. Paris: Decouverte, 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ **Robert Castel**: sociólogo francês, diretor de pesquisas da École de Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁸ **Alain Touraine**: sociólogo francês, conhecido por ter sido o pai da expressão "sociedade pós-industrial". (Nota da *IHU On-Line*)

²⁹ **István Mészáros**: filósofo húngaro, considerado um dos mais importantes intelectuais marxistas da atualidade. (Nota da *IHU On-Line*)

para entender a negação da tese sobre a perda de centralidade do trabalho. Da leitura sistêmica de suas duas publicações anteriores, *Adeus ao trabalho?* e *Os sentidos do trabalho*, com importante repercussão não apenas no Brasil em virtude das edições em vários idiomas, fica clara a existência de uma nobre linha de raciocínio que alimenta e fortalece o justo e atualíssimo debate em torno das transformações do trabalho e o seu papel nas sociedades capitalistas. Longe da desaparecimento do trabalho, há vitalidade. Quando constata o conjunto de sinais da destrutividade do labor sob a nova marcha do regime de acumulação flexível de capital, o professor Antunes não se refugia no fácil pensamento da desaparecimento do trabalho, que inexoravelmente leva ao entendimento sobre a sua impossibilidade de estruturar a sociedade atual. Prefere, todavia, reconsiderar que a morfologia do trabalho se renova, a partir da heterogeneidade que contamina o conjunto de uma classe-que-vive-do-trabalho.

Em síntese, amplia a antiga definição de trabalhador (a) manual direto para a totalidade do trabalho coletivo que se submete ao processo de troca da força de trabalho por salário, o que lhe permite obter um conceito alargado do que seja classe trabalhadora. Mesmo que polêmica, sua proposição conceitual procura dar conta de um desafio nada desprezível de compreender melhor o processo atual de fragmentação significativa do uso e remuneração da força de trabalho.

Assim, atividades laborais como inclusive aquelas dotadas de maior dimensão intelectual, que se

difundem nas esferas da informatização, automatização, serviços e comunicação, terminam, sobretudo, por emergir de mutações e parcialização de relações de novo tipo entre o trabalho imaterial e o material. Neste sentido, Antunes converge com André Gorz, entre outros, sobre a lição do capitalismo a respeito da imaterialidade do trabalho³⁰, que tem na subversão da lógica o desafio do entendimento da sua própria superação.

³⁰ Sobre o tema do trabalho imaterial, conferir o livro GORZ, André. *L'immatériel. Connaissance, valeur et capital*. Paris: Galilée, 2003. O livro acaba de ser traduzido para o português pela Editora Annablume, de São Paulo, sob o título *O Imaterial, Conhecimento, Valor e Capital*. (Nota da *IHU On-Line*)

Deu nos jornais

Deu nos jornais é uma síntese semanal das notícias veiculadas diariamente no sítio www.unisinos.br/ihu, compiladas pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU).

Exportação de armas aumentou 40% no Brasil

Pela primeira vez em quase uma década, o Brasil está na lista dos dez países que mais faturam com exportação de armamentos convencionais. Segundo relatório sobre transferências de armas, divulgado este ano pelo Serviço de Pesquisa do Congresso dos Estados Unidos, o Brasil empata com Líbia e Ucrânia no décimo lugar do ranking de faturamento, US\$ 300 milhões, entre transferências efetivadas em 2004 e acordos para vendas futuras firmados no mesmo ano. A notícia é do jornal *O Globo*, 3-10-05. O Brasil ultrapassou países tradicionais do ramo, como Itália e Suécia. O valor é pequeno diante dos números de Estados Unidos, Rússia e França, mas serve para demonstrar que a eventual proibição de aquisição de armas a partir do referendo pouco afetará a indústria nacional. As exportações de armas de fogo brasileiras aumentaram quase 40% de 2003 para 2004, segundo a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Secex). A maior fabricante de armamentos, a Taurus, não se vale do argumento econômico para atacar o desarmamento. Sessenta e cinco por cento de sua produção se destinam ao mercado externo; o percentual para o mercado interno civil é de 23%, a maior parte formada por empresas de segurança, que não serão proibidas de comprar armas. A Taurus é fornecedora de departamentos de polícia dos Estados Unidos, onde também vende bem entre civis. Já a Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC) exporta 70% da sua produção, para 65 países. Chegou a ter contrato com o Departamento de Polícia de Nova York. A Imbel fornece pistolas para a Equipe de Resgate de Reféns do FBI, a polícia federal americana, e produz peças para pistolas fabricadas pela Springfield Armory, que também é fornecedora do FBI. Mas o mercado latino-americano para as armas brasileiras está diminuindo.

Sindicalista gaúcho é morto quando protestava contra o desemprego

Os depoimentos de duas testemunhas na Delegacia da Polícia Civil de Sapiranga abriram na semana passada as investigações sobre a morte do sindicalista Jair Antônio da Costa, 31 anos. Segundo laudo preliminar de necropsia, Costa sofreu "asfixia mecânica, provocada por contusão hemorrágica de laringe e traumatismo cervical". Ele foi morto durante um confronto entre PMs, policiais rodoviários estaduais e manifestantes em um protesto contra o desemprego na indústria calçadista, na tarde de sexta-feira retrasada. Três PMs (um tenente, um sargento e um soldado) e dois policiais rodoviários (um sargento e um soldado), que tiveram contato com a vítima, da abordagem ao transporte ao Hospital Sapiranga, estão afastados desde sábado retrasado até a conclusão do Inquérito Policial-militar (IPM). A notícia é do jornal *Zero Hora*, 31-10-05. O presidente da Federação Democrática dos Sapateiros no Estado, João Batista Xavier da Silva, comandou uma reunião na semana passada, cujo objetivo é determinar as atividades a serem realizadas para cobrar justiça. Ele não descarta novas manifestações. O encontro foi na sede do Sindicato dos Sapateiros de Sapiranga e reuniu cerca de 80 pessoas, entre filiados, representantes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e até mesmo integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). "Queremos a prisão dos assassinos", destaca Silva.

O assassinato do sindicalista gaúcho. Um caso de tortura

A morte do sindicalista Jair Antônio da Costa, 31 anos, está sendo considerada pela Ouvidoria-Geral da Cidadania da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República um caso de tortura. A notícia é do jornal *Zero Hora*, 5-10-05. O ouvidor Pedro Montenegro encaminhou na semana passada ao governador Germano Rigotto e ao procurador-geral de Justiça, Roberto Bandeira Pereira, ofícios solicitando a designação de um delegado especial e de um promotor especial para investigarem o caso. Costa foi morto na sexta-feira retrasada ao ser imobilizado por policiais militares e policiais rodoviários estaduais, em Sapiranga, após um protesto contra a crise na indústria calçadista. O laudo preliminar de necropsia indica que Costa sofreu "asfixia mecânica, provocada por contusão hemorrágica de laringe e traumatismo cervical". "Pelo que li nos jornais e assisti na TV, esse rapaz morreu em razão de tortura", afirmou o ouvidor.

Sindicalista assassinado é lembrado sete dias depois

Centenas de pessoas protestaram na tarde da última quinta-feira contra a morte do industrialista Jair Antônio da Costa, 31 anos, interrompendo o trânsito sob o viaduto da Avenida Presidente Kennedy, principal acesso a Sapiranga, no Vale do Sinos. A notícia é do jornal *Zero Hora*, 7-10-05. Uma cruz com o nome dele foi cravada no local, onde há uma semana, Costa foi morto após um confronto com policiais militares e policiais rodoviários estaduais. Sobre a cruz com o nome de Costa, foi colocada uma camiseta com a foto de Carlos Dorneles, 19 anos, jovem morto exatos 19 anos antes. O rapaz foi assassinado com um tiro na nuca por um segurança de fábrica ao final de uma greve de sapateiros. Coroas de flores e velas foram colocadas no entorno da cruz. Estiveram presentes no protesto, amigos, colegas e familiares de Costa, além de integrantes do MST, do Movimento Nacional da Luta para Moradia (MNLN), CUT e sapateiros. A industrialista Eliane Schuster, 22 anos, funcionária dos Calçados Dilly, de Ivoti, fez questão de comparecer. "O Jair era meu colega em um curso do sindicato. Lutamos pela permanência de nossos empregos, não acredito até agora que isto aconteceu", revolta-se. O presidente da Federação Democrática dos Sapateiros, João Batista Xavier da Silva, pede a punição dos culpados. "Só o afastamento dos militares não adianta. Nós queremos a prisão dos culpados".

Frases da semana

"Eu pergunto: qual o membro da alta direção do PT que não poderia supor que pudesse existir [o caixa dois]?". **Silvio Pereira, ex-secretário do PT - Folha de S. Paulo, 2-10-05.**

"Agora, uma coisa era verdade, 27 Estados bateram à porta do Delúbio. Por que os Estados não assumem isso, pô? Todo mundo pegava no pé do Delúbio para arrumar recursos, todo mundo, todo mundo. Agora ele está lá, sozinho. As pessoas não perguntavam: bom, de onde vem esse dinheiro?" - **Silvio Pereira, ex-secretário do PT - Folha de S. Paulo, 2-10-05.**

"A informação que nós, que chegamos agora à executiva do partido, temos é que a estrutura de financiamento era de responsabilidade integral de Delúbio. O que estranhei na declaração do Silvio é que as pessoas da executiva sabiam, mas ressalva José Dirceu (ex-ministro-chefe da Casa Civil), que era a sua relação mais direta dentro do partido e do governo". **Tarso Genro, presidente nacional do PT - Zero Hora, 3-10-05.**

"Diante do desencanto, quero assumir tarefa meio "quixotesca" de dizer que a

política é a dimensão suprema do amor ao próximo”. - **Chico Alencar, deputado federal, explicando a sua saída do PT - Jornal do Brasil, 3-10-05.**

”Eu acho que se a cada coisa que a gente for fazer, não gostar e entrar em greve de fome, não está correto”. - **Luís Inácio Lula da Silva, presidente da República - Valor, 4-10-05.**

”Greve de fome é algo muito difícil de se fazer e que sempre está movida por ideais verdadeiros. São casos muito especiais, muito isolados e por causas muito grandes. Por qualquer coisa não se faz greve de fome, porque é algo muito, muito duro de enfrentar”. - **D. Luiz Cappio, bispo de Barra, comentando declarações de Lula do dia anterior temendo que muitos comecem a fazer greve de fome para se opor ao governo - Correio da Bahia, 5-10-05.**

”Quem deve estar dando risada com a possibilidade de dar ”sim ”nesse referendo é o (João Pedro) Stédile (coordenador nacional do MST). Com a proibição de armas no Brasil ele vai poder invadir as terras que quiser com a maior tranqüilidade”. - **Luiz Antonio Nabhan Garcia, fazendeiro, presidente da UDR - O Estado de S. Paulo, 7-10-05.**

”Eu acho que o Brasil vive um momento virtuoso. Um momento, diria, não excepcional ainda, mas acima da média que o Brasil viveu nos últimos 30 ou 40 anos”. - **Luís Inácio Lula da Silva, presidente da República - O Estado de S. Paulo, 7-10-05.**

”Acho que, com o carisma que o presidente Lula tem, será sempre um candidato muito competitivo”. - **José Sarney, senador - PMDB-AP - Folha de S. Paulo, 7-10-05.**

IHU em revista

eventos pg. 58
IHU Repórter pg. 72

Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein

Einstein: um pouco da sua vida e de seu legado foi o tema do encontro de 5 de outubro do **Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein**. Ministrado pelo Prof Dr Enio Frota da Silveira, o evento aconteceu no Auditório da Física, Sala 6R211, das 17h30min às 19h. Na edição 158 da *IHU On-Line*, de 3 de outubro, o professor concedeu uma entrevista, adiantando aspectos da sua palestra, sob o título O “xeque-mate” de genialidade do jovem Einstein. Leia abaixo algumas opiniões de participantes do evento.

Ecoss do Evento

“Em primeiro lugar, já fiquei interessada pelo título do evento. A princípio, achei que o palestrante fosse abordar mais as equações em si, mas fiquei surpresa e contente quando ele demonstrou aspectos da vida dos cientistas. O encontro durou uma hora e meia e nem vimos passar o tempo. Superou minhas expectativas.”

Juliana Lopes Froehlich, aluna do curso de Licenciatura em Física da Unisinos, 7º semestre.

“Gostei da atividade porque os assuntos explanados são interessantes e ajudam a complementar nossa formação. Decidi participar do Ciclo para aproveitar a oportunidade de conhecer mais sobre os assuntos que estudamos e, também, pelo aproveitamento das horas em nosso currículo”.

Jurgen Alberto Bühler, aluno do curso de Licenciatura em Física da Unisinos, 3º semestre.

Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – Marcos, trajetórias e perspectivas

O Concílio Vaticano II e o ecumenismo esteve no centro do debate conduzido pelo Prof Dr Aldino Segala, da Unisinos, e do Rev. Dr. Walter Altmann, pastor e presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) na edição de 6 de outubro do **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – Marcos, trajetórias e perspectivas**. Ocorrida na sala 1G119 do IHU. A atividade começou às 19h30min e estendeu-se até as 22h. A respeito do assunto, o pastor Walter Altmann escreveu um artigo, a pedido da revista *IHU On-Line*, publicado na edição 158, de 3 de outubro.

Ecos do Evento

“Nos dias em que consegui participar, penso que as discussões foram de grande importância. A transparência dos palestrantes desta edição e seu comprometimento com o assunto foram de grande valia para as atividades. A comunicação entre os palestrantes e o público também se mostrou fundamental. Para mim, participar do Concílio está sendo uma boa oportunidade de compreender a relação entre as igrejas e dos princípios que as norteiam”.

Lúcia Maria Specht, religiosa da congregação das Irmãs da Divina Providência, Porto Alegre.

“A temática definida é atual e importante porque nos mostra o espírito com o qual o Concílio foi convocado por João XXIII, trazendo a marca do ecumenismo, do diálogo entre as igrejas cristãs. Além disso, o fato de trazer para a reflexão alguém das igrejas luterana e católica fez justiça ao espírito ecumênico. A contribuição de ambos os palestrantes foi muito clara e apontou as tensões e perspectivas do ecumenismo. Vale a pena destacar o expressivo número de estudantes que participou do encontro”.

Carlos José Griebeler, professor do Instituto Missionário de Teologia em Santo Ângelo e doutorando em Teologia e História no EST-IEP (Escola Superior de Teologia – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação).

IHU Idéias

O Prof Dr Marcelo Dascal, docente de Filosofia na Universidade de Tel Aviv e professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos, falou em 6 de outubro no **IHU Idéias** sobre *Modelos Alternativos para a Resolução de Conflitos nos Pensamentos Judaico, Islâmico e Cristão*. A palestra aconteceu das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. Conheça as opiniões de alguns dos participantes do evento:

Ecos do Evento

“Foi uma boa atividade porque o palestrante Marcelo Dascal abordou o tema de uma forma diferente. Apesar de dizer que não tinha soluções mágicas, ele ofereceu sugestões para o Oriente Médio. É um assunto que me interessa, por isso, resolvi participar. Além disso, costumo frequentar o **IHU Idéias** e os **Encontros de Ética**”.

Hélio Roberto Franz, aluno da Graduação em Arquitetura da Unisinos, 3º semestre.

“Escolhi participar do **IHU Idéias** devido à temática proposta, que abrange meus estudos e interesse pessoal, além da opção pela vida religiosa. Foi de grande proveito discutir esse tema tão atual”.

Kellycio M. Pereira, aluno da Graduação em Teologia da ESTEF, 2º semestre.

A influência do capital social na saúde coletiva

Entrevista com Marcos Patussi



Esse é o tema do próximo **IHU Idéias**, marcado para esta quinta-feira, 13 de outubro, das 17h30min às 19h, no Espaço Pensamento da 20ª Feira do Livro, na Praça 20 de Setembro, mais conhecida como Praça da Biblioteca Pública de São Leopoldo.

O palestrante é o Prof Dr Marcos Patussi, que, em sua trajetória acadêmica, estudou o assunto em detalhes. Graduado em Odontologia pela Universidade de Passo Fundo (UPF), cursou um aperfeiçoamento em

Odontologia Social e Preventiva e uma especialização em Odontologia em Saúde Coletiva na Universidade de Brasília (UnB). É mestre e doutor pela University College London, da Grã-Bretanha, em Saúde Bucal Coletiva e em Epidemiologia e Saúde Bucal Coletiva, respectivamente. Sua tese é intitulada *Neighbourhood social capital and oral health in adolescents*. Confira a entrevista que Patussi concedeu por e-mail à **IHU On-Line**.

IHU On-Line - Sobre o que tratou a sua tese na Universidade de Londres?

Marcos Patussi – Basicamente, abordei a influência de aspectos psicossociais, em especial o capital social, na saúde oral de adolescentes. Capital social é entendido como as normas e redes sociais que facilitam a ação coletiva. Reside nas relações de confiança que fazem que as pessoas ajam conjuntamente na busca do bem comum. Isso é especialmente importante, pois, por muitos anos, a odontologia vem enfatizando o efeito de fatores biológicos e comportamentais na prevenção dos problemas orais. O nosso estudo, de certa maneira, confirmou a influência de tais fatores.

Entretanto essa abordagem é limitada porque não considera o papel do contexto onde a pessoa vive e mora, o qual molda aqueles comportamentos. Ou seja, introduzimos uma nova perspectiva para a explicação dos problemas bucais, levando-se em consideração, além de aspectos clínicos e comportamentais, aspectos estruturais da área de residência dos indivíduos pesquisados.

IHU On-Line - Quais foram as principais conclusões a que chegou com sua tese no doutorado de Epidemiologia e Saúde Bucal Coletiva?

Marcos Patussi – O estudo foi realizado com 1300 adolescentes em 39

escolas do Distrito Federal. Constatamos que, controlados por fatores individuais e contextuais, os adolescentes, que viviam em bairros com níveis mais elevados de capital social, onde existia maior confiança entre as pessoas, maior participação social e menor violência, possuíam melhores condições de saúde bucal. De certa maneira, confirmamos, na odontologia, os efeitos até então demonstrados na medicina.

***IHU On-Line* - Como isso é possível?**

Marcos Patussi - Os mecanismos pelos quais o capital social beneficia a saúde das pessoas ainda estão para ser esclarecidos. Individualmente, atuaria via mudança de comportamentos de saúde, como fonte de apoio e auto-estima, reduzindo níveis de estresse. No âmbito regional, pela melhoria da organização comunitária, pelo acesso à informação e aos serviços de saúde, bem como pela redução da violência local. Esses mesmos mecanismos explicariam a melhor situação de saúde bucal encontrada em adolescentes, vivendo em áreas com maior cooperação e solidariedade, ou seja, com mais capital social.

***IHU On-Line* - Que particularidades apresenta o estudo da saúde bucal na adolescência?**

Marcos Patussi - A adolescência é uma fase da vida extremamente importante, pois é caracterizada por mudanças biológicas e psicológicas drásticas, que incluem a capacidade do adolescente para lidar com a família, a escola, o trabalho e a vida social. A maturação emocional traz em si um processo de preparação para a vida adulta, requer emancipação do lar, o estabelecimento de um estilo de vida independente, o desenvolvimento de novas capacidades e um senso de consciência individual, de direção vocacional e autocontrole, que gera

ansiedade e estresse. Além disso, comportamentos de risco, tais como violência, álcool, uso de drogas lícitas e ilícitas, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez, com outras ações de risco são características da adolescência, as quais podem resultar em significativas morbidade e mortalidade neste grupo etário.

***IHU On-Line* - Como podemos pensar o conceito de capital social aplicado à saúde coletiva no Brasil?**

Marcos Patussi - Até o momento, poucos estudos brasileiros fizeram uso sistemático do conceito de capital social como modelo explicativo para padrões de saúde-doença na população brasileira. Elementos de capital social, tais como confiança mútua, normas de reciprocidade ou solidariedade e engajamento cívico poderão trazer novas perspectivas ao campo da saúde coletiva e da epidemiologia. Há que se lembrar, entretanto, que o capital social também não deve ser um novo apanágio das relações sociais, visando a substituir práticas já existentes na sociedade civil organizada, nos movimentos populares ou na legislação brasileira. Idéias como controle social e cidadania não deixam de ser formas de capital social. Somente o refinamento teórico destas concepções ante a realidade brasileira, permitirá estimar, com maior rigor, o impacto que elas possuem nos indicadores de saúde.

A visão que estudamos é a de que capital social é um conceito útil, pois fornece pistas sobre como tornar os “menos poderosos” “mais poderosos”, os “desorganizados” “mais organizados”, os “menos favorecidos” “mais capazes” e confiantes em suas capacidades para exercerem controle sobre suas próprias vidas e conseqüentemente sobre a sua própria saúde. Nesse sentido, capital social oferece uma maneira nova e excitante de revitalizar as pesquisas em epidemiologia, pois fornece espaço para uma abordagem não-individualizada

que rompe barreiras disciplinares. Oferece, ainda, oportunidades para melhor entender por que as desigualdades em saúde se manifestam e como elas podem ser mais bem enfrentadas, com justiça social e

solidariedade. São esses aspectos que pretendemos testar em São Leopoldo, onde cerca de 2000 chefes de família serão entrevistados pelos nossos pesquisadores.

Idade Média e Cinema

No último sábado, 8 de outubro, na Sala 1G119 do IHU, aconteceu a exibição do filme *O Senhor da Guerra*, de Franklin Schaffner. A seguir, o Prof Dr José Rivair de Macedo, da UFRGS, conduziu um debate com o público, comentando diversos aspectos da obra. A atividade teve início às 8h30min e estendeu-se até as 12h30min. José Rivair escreveu uma breve resenha sobre *O Senhor da Guerra*, publicada na edição 158, de 3 de outubro de 2005.

Ecoss do Evento

“Tenho gostado bastante dos filmes e dos comentários propostos em aula. Nessa edição, o palestrante José Rivair de Macedo traçou uma comparação com os filmes anteriores, e achei isso bastante produtivo. Gosto de cinema e já havia cursado uma disciplina sobre Idade Média no semestre passado, no curso de História. Por isso, minha curiosidade foi despertada pela proposta do Ciclo. Os palestrantes do evento são muito bons, e isso também enriquece a discussão”.

Aidê Stürmer, aluna da Graduação em História da Unisinos, 3º semestre.

“Os encontros do Ciclo estão sendo de grande proveito. Muitos desses filmes eu já havia assistido antes, mas agora, depois das análises que traçamos em aula, tenho condições de fazer outra leitura sobre essas produções e perceber o que o diretor realmente queria mostrar através delas. Como gosto de cinema e também sou fascinado pela Idade Média, resolvi cursar esse Ciclo. Os professores que ministram os encontros também foram um atrativo para participar”.

Michel Banderó da Rosa, aluno da Graduação em História da Unisinos, 2º semestre.

Encontros de Ética

Nesta segunda-feira, 10 de outubro, acontece mais uma edição dos *Encontros de Ética*. O local é a Sala 1G119, e o horário, das 17h30min às 19h, com entrada franca. O tema em discussão será *Programando Resultados. Seus ou dos outros?*, sob a responsabilidade do Prof. MS Francisco Duarte de Castro Ferreira

Carmo, das Ciências Econômicas da Unisinos. Francisco é graduado em Engenharia Mecânica pela UFRGS e mestre em Administração pela Unisinos, com dissertação intitulada *Desenvolvimento do método de intervenção da aprendizagem incremental focada puxada (AIFP) para pequenas e médias empresas industriais*.

IHU na Feira do Livro de São Leopoldo

O Instituto Humanitas Unisinos está participando da **20ª Feira do Livro Ramiro Frota Barcellos** de São Leopoldo, que começou na última sexta-feira, dia 7, e se estenderá até o dia 16 de outubro. A feira acontece das 10h às 22h, na Praça 20 de setembro (Biblioteca Pública) de São Leopoldo. O escritor homenageado é Erico Verissimo.

O IHU tem um estande, onde expõe suas publicações e representa a Unisinos.

Dia 13 de outubro, acontecerá o evento **IHU Idéias** no *Espaço Pensamento* da feira, das 17h30min às 19h. Na palestra, o tema abordado será *A influência do capital social na saúde coletiva*, pelo Prof. Dr. Marcos Pascoal Pattussi - Unisinos. Marcos Pascoal é graduado em Odontologia pela Universidade de Passo Fundo (UPF), mestre em Saúde Bucal Coletiva e doutor em Epidemiologia e Saúde Bucal Coletiva pela University College London - UCL, Grã-Bretanha. No evento serão discutidos aspectos conceituais de mensuração e a relação do capital social com a saúde. Pretende-se, ainda, expor a pesquisa que está sendo realizada sobre o assunto no município de São Leopoldo.

A Feira do Livro contará com escritores, livreiros, oficinas, shows, teatro, dança, palestras, debates, “contação” de histórias, gastronomia e muitos livros.

A crise da sociedade do trabalho

Acaba de ser lançado, com o título *A crise da sociedade do trabalho* os Cadernos IHU em Formação n. 5.

Com apresentação de Inácio Neutzling, diretor do IHU, intitulada *Sociedade do trabalho e sociedade sustentável*, a nova edição publica um artigo de Marco Aurélio Santana, professor na UFRJ e entrevistas com André Gorz, Robert Kurz, Anselm Jappe, Paolo Virno, Josué Pereira da Silva, entre outros.

Os cadernos podem ser adquiridos na Livraria Cultural ou pelo endereço humanitas@unisinos.br

IHU Repórter

Denise Maria Brandt

“Escolhi a área da saúde, por uma necessidade de me doar para os outros.”. Este comportamento é reflexo de vivências duras e obstáculos que tiveram que ser transpostos de coração aberto e com muita dedicação e ensinaram a Denise Maria Brandt, nutricionista do Projeto Alerta, na Unisinos a ter um perfil extremamente sensível. As experiências dolorosas que a vida lhe reservou foram superadas com muita determinação. Alguns sonhos tiveram que ser adiados, mas nunca abandonados. O próximo a ser realizado e que está sendo cuidadosamente planejado é o da vinda de um bebê. Vamos conhecer um pouquinho da história de Denise.



Origens – Sou a penúltima filha de cinco irmãos. Quando fiz um ano, minha irmã mais nova tinha nove dias. Estudei até a quinta série em escola pública, na Escola Municipal Otávio Rosa, de Novo Hamburgo, onde nasci. Terminei o 1º grau nos Colégios São Luiz e Santa Catarina. Logo depois, fui fazer o Ensino Médio no Colégio 25 de Julho onde havia o curso de Análises Químicas que dava um bom suporte para o vestibular. Já estava voltada para cursar alguma faculdade da área da saúde, mas ainda não havia escolhido a profissão e, no curso técnico, sabia que existiam algumas disciplinas que poderiam me ajudar. Enquanto eu ainda estava no São Luiz, entrei no Coral Luizinho (hoje o Coral não é mais vinculado ao colégio e já tem 30 anos), participei, no início, do coral de voz e dança; no final fiquei só no grupo de dança. Era muito bom. Viajávamos bastante para participar de festivais e ficávamos hospedados na casa dos integrantes dos corais de fora e quando eles vinham ficavam hospedados nas nossas casas. Fizemos muitas amizades. Minha família não era muito vinculada à música, fiz algumas aulas de violão, mas como não tive estímulo não prossegui.

Família – Minha vida se divide em duas fases, antes e depois dos 15 anos. No segundo período minha mãe, Nelsi Maria Pohren, começou a ficar doente, esquecia de fazer algumas coisas. Tratava-se, como nos explicou o médico assistente da época, um neurologista, de

uma doença recente descoberta por um médico chamado Alzheimer. A patologia passou a se chamar Mal de Alzheimer. Ele explicou que esta patologia era mais comum em pessoas mais velhas, mas que os sintomas eram os mesmos dos da minha mãe. Foi um período muito difícil, nos poucos momentos de lucidez que tinha ficava muito brava e não aceitava a nova condição. A doença foi evoluindo. Primeiro, ela precisou passar a ser alimentada, não tinha mais autonomia nem para as pequenas coisas, depois ficou em estado vegetativo por uns três anos, até falecer em 1990, por insuficiência respiratória. Quando a doença se manifestou, minha mãe não tinha cinquenta anos ainda e precisou conviver com a doença durante 12 anos, aproximadamente.

Dificuldades – Meus irmãos mais velhos eram casados, minha irmã mais nova era o nenê da casa. Ficou tudo comigo, porque meu pai trabalhava. Na fase mais aguda, contratamos uma pessoa para cuidar dela. Mas durante muitos finais de semana que precisávamos dar folga a essa pessoa, precisei me dedicar a cuidar da minha mãe. Essa foi toda a minha adolescência; enquanto isso continuava no coral, o que me ajudava bastante. Quando eu namorava o meu atual marido, às vezes, ia almoçar na casa dele aos domingos, mas antes do meio dia precisava sair para dar o almoço para minha mãe. Cedo da tarde, tinha que voltar para casa, atendê-la novamente, trocar a fralda, alimentar etc. Quando casei, ela estava em estado vegetativo.

Em 1999, meu pai, Ivo Aloysio Pohren, teve câncer (melanoma), enfrentou um processo de quimioterapia e radioterapia. Tudo aconteceu muito rápido e foi muito triste. Ele faleceu em janeiro de 2000 e durante dois anos fiquei sem conseguir falar no assunto. Eu já estava trabalhando na Unisinos: no RU e no projeto Alerta; falar de doença aqui era complicado.

Aprendizado – Sempre fui muito revoltada, muitas vezes não querendo aceitar o que a vida me impunha, mas aprendi que tinha que aceitar porque é assim mesmo. É preciso lembrar que o que acontece conosco poderia acontecer com qualquer um. Às vezes, eu sonhava com a vida das minhas amigas: Que bom se fosse assim! que acontecesse assim comigo! Isso me deprimia um pouquinho. Hoje o que sei sobre isso é que precisamos aceitar o que vier. Sei que ajudei minha mãe e meu pai da melhor maneira que pude. Sinto saudades deles. É comum eu deixar de fazer coisas para mim, de pensar nas minhas necessidades, para fazer as coisas para os outros. Talvez por isso tenha escolhido a área da saúde, porque há a necessidade de se doar, de fazer com que as coisas melhorem e que as pessoas atinjam seus objetivos. Na nutrição, precisamos achar soluções, resolver, mostrar sempre o melhor caminho para a saúde.

Obstáculos – Para estudar foi difícil, pois só meu pai trabalhava. Éramos uma família de classe média, ficando difícil manter a universidade. Todo o final de semestre era aquela “romaria” para conseguir fazer a matrícula. Era e continua sendo muito caro. Ele pagou o Ensino Superior só para mim e com muita dificuldade. Na verdade, ele via que realmente eu gostava e me esforçava. Precisei começar a trabalhar para ajudar pelo menos nas pequenas despesas como cópias, passagem e alimentação. Hoje, apesar de tudo, eu me sinto uma pessoa tranqüila, mas ainda insegura em alguns momentos.

Trajetória profissional – Em 1986, comecei a trabalhar no Hospital Centenário como estagiária. Lembro que pagavam meio salário mínimo e eu trabalhava no Setor de Nutrição e Dietética (SND). Comecei a gostar bastante da parte clínica. Visitava os pacientes, observava se estavam se adequando ao cardápio e se gostariam de mudar alguma coisa; na medida do possível fazíamos alterações. Depois fui para uma Concessionária de alimentação como estudante de nutrição. Formei-me trabalhando lá. Eles foram muito acessíveis e, quando decidi sair porque não estava mais conseguindo conciliar meu tempo, o diretor me chamou e perguntou o que eu precisava. Disse que precisava de todas as manhãs para fazer estágio e

duas tardes para o trabalho de conclusão de curso. Durante três meses trabalhei somente três tardes sem redução de salário. Sou muito grata a essa pessoa. Em 1992, fiz aqui um Pós-Graduação em Tecnologia de Alimentos e, em 1993, comecei a trabalhar na Unisinos. No início eu fazia o controle de qualidade das lancherias que estavam sendo terceirizadas e acompanhava a janta nos Restaurantes (RU e RA). A partir da constatação do Setor de Recursos Humanos da Universidade de que havia um grande número de faltas, principalmente de funcionários, em decorrência de pressão arterial alta, começou-se a repensar a saúde do trabalhador. Participei de um grupo multidisciplinar e começamos com palestras ao grupo sobre assuntos relacionados à saúde. Cada encontro com um enfoque diferente. Percebemos que as pessoas tinham outras necessidades e foram surgindo novos projetos na área da saúde e da qualidade de vida. O projeto Alerta foi um dos pioneiros. Aos poucos, fomos fazendo um atendimento mais individual. O projeto passou a ser conhecido pelos próprios participantes e a demanda foi aumentando. Dividia meus horários entre o projeto e o RU e precisei optar pelo projeto. Já atendemos mais de mil pessoas desde o seu início. (1995). Atualmente, participam mais assiduamente 300 ou 400 pessoas. Hoje também faço parte do grupo Renovar, que é multidisciplinar de ajuda para as pessoas que querem parar de fumar.

Horas livres – Adoro viajar, passear. Em casa me sinto um passarinho preso na gaiola. Gosto muito de ir para a praia. Quando meu pai faleceu, comprei a parte da casa da praia que pertencia aos meus irmãos, porque gosto de ficar lá. Moro em apartamento e, como me criei em casa, gosto de terra, de caminhar no chão, desse contato...

Um sonho – Tenho vários, principalmente o de ser feliz. Agora meu objetivo é ser mãe, acho que um filho faz falta. Tive que adiar essa decisão, por prioridades, como casa própria, estabilidade financeira etc. Acho que chegou a hora.

Livro – Polliana, de Paulo Silveira. Foi um livro que marcou muito a minha adolescência. Marca a transição da infância para a adolescência. Lembro dele talvez porque não tive um acompanhamento... a mãe presente...

Filme – Um que chorei muito: A Lista de Schindler, Steve Spielberg.

Presente – Roupas, sapatos e perfumes.

Unisinos – Acho que a Unisinos está passando por uma fase bastante importante de transformação. Todas as empresas precisam se reciclar e a Unisinos não deixa de ser uma empresa. Antes era como uma mãe, uma grande família, tudo muito bom, integrado, mas chega um momento que é preciso se profissionalizar. É sofrido para muitas pessoas, a gente sente falta de muitos colegas que foram demitidos. Se cada um faz a sua função da melhor maneira possível, a tendência é que tudo dê certo. Aprendi e aprendo até hoje trabalhando aqui.

Instituto Humanitas Unisinos – É importante manter um espaço que preserve esse lado humano, que possa resgatar essa missão da Universidade, humano e teológico. Um espaço para rever aquela coisa do bem, de resgate dos valores jesuítas. Não podemos esquecer que a universidade tem um local para preservar esses valores.